

Projeto em Educação

Terminologia específica em Língua Gestual Portuguesa: perceção da adequação em categorias gestuais

Joana Sofia de Sousa e Silva

Projeto em Educação

Terminologia específica em Língua Gestual Portuguesa: perceção da adequação em categorias gestuais

Joana Sofia de Sousa e Silva

Projeto em Educação apresentado na Escola Superior de Educação do Porto, para obtenção do grau de Mestre em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa, sob a orientação de:

Cidália Ferreira Alves.

Agradecimentos

É chegado o momento de agradecer. Durante a nossa vida são várias as etapas que vamos ultrapassando, no entanto não é possível ultrapassá-las sozinho. Ao nosso lado são várias as pessoas que nos ajudam, que conosco partilham as conquistas e as derrotas, que sorriem com o nosso sorriso e que nos limpam as lágrimas nos piores momentos. Para essas pessoas agradecer é pouco, mas devemos fazê-lo com toda a humildade.

Em primeiro lugar, aos meus PAIS a quem devo muito mais que a vida, a eles, por me terem tornado na pessoa em que hoje sou. À minha irmã que apesar de todas as brigas em criança esteve lá sempre que precisei. Aos meus sobrinhos e à Soraia por me fazerem levantar todas as manhãs tendo esperança no futuro. Ao César pela compreensão, dedicação e amor com que me brindou todos os dias.

Gostaria também de agradecer, com especial consideração, à Dra. Cidália por ter orientado o meu projeto, por não ter desistido de mim, nem me ter deixado desistir.

Às minhas colegas de mestrado: Joana Moreira e Cristina Fernandes que comigo iniciaram este caminho. Dedico, no entanto, uma palavra especial à Ângela Ricardo porque a amizade que já nos unia ficou mais forte, mais especial, com este percurso que efetuamos juntas. Sem ela, este caminho difícil ter-se-ia tornado insuportável, as viagens teriam sido demasiado longas. Entre nós existiu apenas trabalho em equipa, ajuda e uma forte, forte amizade. A minha palavra de agradecimento a todos os participantes neste estudo e às escolas que permitiram a realização do mesmo.

Quero, ainda, agradecer à equipa com quem trabalho todos os dias, em especial à minha chefe, Adília Pedro e às minhas colegas intérpretes Cláudia Valadares e Filipa Ribeiro, pelas palavras de encorajamento e por me fazerem ter vontade de acordar cedo para partilhar com elas o meu dia de trabalho.

Por último, mas nem por isso de menor importância, um agradecimento muito especial à Vera Santos que comigo dividiu casa durante estes dois anos e que tanto me apoiou.

(...) os surdos portugueses constituem uma comunidade cultural inegável, são indivíduos em tudo iguais aos ouvintes, com as mesmas capacidades, excepto a audição, e reúnem todas as condições para poderem ascender ao infinito e mais além... (Bispo, 2009, p.14)

Resumo

Atualmente temos verificado um crescente interesse sobre a Língua Gestual Portuguesa (LGP) e sobre a comunidade surda em Portugal. Apesar do enunciado, entendemos a urgência de novos estudos e investigações sobre este tema.

O nosso projeto surge no seguimento da necessidade de compreendermos a perceção dos usuários e especialistas da língua (33 alunos do ensino secundário e 8 especialistas) quanto às categorias gestuais a utilizar na criação de códigos linguísticos, nas áreas da Matemática e do Português, para termos que não encontram correspondente direto em LGP. Pretendemos, com este projeto, apreender a categoria gestual que melhor transmite o conceito objetivado.

Concretizando, todos os participantes visionaram, em dois momentos, uma gravação, onde se incluíram todos os conceitos e respetivas alternativas de tradução, realizando o preenchimento de uma grelha por forma a indicar o grau de preferência de cada uma das categorias apresentadas.

Os resultados demonstram que, em qualquer das áreas, os usuários e os especialistas da língua percecionam como mais adequados, na maioria das situações, os gestos de componente icónica, em detrimento dos arbitrários ou formados por empréstimo da língua oral.

Palavras-chave:

Iconicidade; Língua Gestual Portuguesa; Processos de Formação.

Abstract

Actually we have been seeing a growing interest regarding Portuguese Sign Language and deaf community in Portugal. Thus, we understand the haste of new studies and research about this subject.

Our project emerges following the need to understand the perception of the users and specialist of this language (33 students of the high school and 8 specialists) as the typology/formation processes to use in the creation of linguistic codes for the concepts that have no direct correspondence in Portuguese Sign Language for maths and portuguese subjects. We want for that matter to learn the type/ signs' formation process that can better translate the wanted concept.

Summarizing, all the participants saw in two distinct moments one record where were included all the concepts and alternatives of translation in order to complete a grill showing their preference for the type/ signs' formation process.

The results showed us that most of the times for all areas the users and specialists of the language preferred signs with iconic components above the arbitrary or formed by loan of the oral language.

Keywords

Iconicity; Portuguese Sign Language; Formation Processes

Resumo em Língua Gestual Portuguesa

O resumo deste estudo em Língua Gestual Portuguesa encontra-se num DVD em anexo (anexo I).

Índice

Agradecimentos	i
Resumo	iii
Índice	vi
Índice de Tabelas	viii
Índice de Figuras	x
Lista de Abreviaturas.....	xi
Introdução.....	1
1. Língua Gestual Portuguesa: o seu desenvolvimento.....	5
1.1. Período prévio ao estatuto de língua.....	5
1.2. O estatuto de língua	6
2. Dimensões da língua gestual portuguesa	9
2.1. Fonética e Fonologia.....	9
2.1.1. Configuração da Mão	10
2.1.2. Ponto de Articulação	11
2.1.3. Movimento	12
2.1.5. Orientação da mão.....	13
2.2. Morfologia	14
2.2.1. Processos de formação de gestos em LGP	14
2.3. Sintaxe	18
2.3.1. Categorias de Gestos.....	18
2.3.1. Categoria Referencial	19
2.3.2. Categoria Arbitrária.....	19
2.3.3. Categoria Icónica.....	20
2.3.4. Categoria de Empréstimo da Língua Oral	24
Objetivos.....	27
Método.....	30

Apresentação dos Resultados	34
Discussão dos resultados e Implicações Conclusivas.....	43
Referências Bibliográficas.....	46
Anexos	

Índice de Tabelas

Tabela 1 – PA Principais e Específicos de Alguns Gestos.....	12
Tabela 2 – Pares Mínimos na Língua Portuguesa.....	13
Tabela 3 – Exemplos de Gestos Formados por Empréstimo da Língua Oral.....	24
Tabela 4 – Idade de Aquisição da Língua, Língua Materna e Zona de Residência dos Participantes.....	30
Tabela 5 – Ano de Escolaridade, Nota de LGP, Grau de Surdez e Início de Aprendizagem da Língua dos Participantes.....	31
Tabela 6 – Definição das Categorias de Gestos em Função da sua Tipologia ou Processo de Formação.....	32
Tabela 7 – Teste T para Amostras Emparelhadas – Diferenças entre a escolha, como primeira preferência, entre a Categoria Icónica e Categoria de Empréstimo da LO.....	34
Tabela 8 – Teste T para Amostras Emparelhadas – Diferenças entre a escolha, como primeira preferência, entre a Categoria Icónica e Categoria de Gestos Arbitrários.....	35
Tabela 9 – Teste T para Amostras Emparelhadas – Diferenças entre a escolha, como primeira preferência, entre a Categoria de Empréstimo da LO e a Categoria de Gestos Arbitrários.....	35
Tabela 10 – Frequência das categorias gestuais por grupos e disciplinas.....	36
Tabela 11 – Teste de Mann-Witney: Diferenças na categoria gestual por grupo e por disciplina.....	37
Tabela 12 – Frequência das categorias gestuais por região do país e por disciplina.....	38
Tabela 13 – Teste de Mann-Witney: Diferenças nas categorias gestuais por região dos alunos.....	38
Tabela 14 – Teste de Kruskal-Wallis: Diferenças na categoria gestual, em função da idade de aquisição da LGP dos alunos.....	39
Tabela 15 – Teste de Mann-Witney: Diferenças na categoria gestual, em função do grau de surdez dos alunos.....	40
Tabela 16 – Teste de Mann-Witney: Diferenças na categoria gestual, em função da idade dos alunos.....	41

Tabela 17 – Teste de Kruskal-Wallis: Diferenças na categoria gestual, em função do ano de escolaridade dos alunos.....42

Índice de Figuras

Figura 1 – Imagens com as CM em LGP constantes no Gestuário.....	10
Figura 2 – Imagem com as CM em LGP retirada de <i>Para uma Gramática da Língua Gestual Portuguesa</i> (1994).....	11
Figura 3 – LUME – OR → para cima.....	14
Figura 4 – CHUVA – OR → para baixo.....	14
Figura 5 – HISTÓRIA – OR → para o corpo.....	14
Figura 6 – PATO – OR → para a frente.....	14
Figura 7 – ÁRVORE – OR → contralateral.....	14
Figura 8 – DESOBEDECER – OR → ipsilateral.....	14
Figura 9 – Gesto EU em LGP.....	19
Figura 10 – Gesto TU em LGP.....	19
Figura 11 – Gesto CHOCOLATE em LGP.....	20
Figura 12 – Gesto HISTÓRIA em LGP.....	20
Figura 13 – Gesto GRAMÁTICA em LGP.....	20
Figura 14 – Gesto VENTO em LGP.....	22
Figura 15 – Gesto FELIZ em LGP.....	22
Figura 16 – Gesto CAMPO em LGP.....	22
Figura 17 – Gesto MODELO em LGP.....	23
Figura 18 – Gesto BOLA em LGP.....	23
Figura 19 – Gesto ACORDAR em LGP.....	23
Figura 20 – Gesto CAVALO em LGP.....	23

Lista de Abreviaturas

CM – Configuração da mão

ENM – Expressões não manuais

LG – Língua Gestual

LGP – Língua Gestual Portuguesa

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

LO – Língua Oral

LP – Língua Portuguesa

M – Movimento

OR – Orientação da mão

PA – Ponto de articulação

S – Suspensão

Introdução

A Língua Gestual Portuguesa (LGP) é a língua natural da comunidade surda, e quando adquirida precocemente está na base de todas as aprendizagens realizadas pelos alunos surdos (Amaral *et al.* 1994). No entanto, nem sempre a LGP foi vista como um meio eficiente de escolarização dos alunos com surdez, ao invés, foi proibida a sua utilização, optando-se por métodos assentes nas teorias oralistas (Carvalho, 2007). Este paradigma na educação de surdos em Portugal – *Método Oralista* – manteve-se durante cerca de 85 anos (Carvalho 2007).

Os indivíduos surdos eram vistos como “incapazes”, “deficientes”, isto porque não se acreditava que fossem capazes de comunicar com uma língua própria, sem prejuízo da sua perda auditiva. Assim, a LGP era percebida como um conjunto de gestos pantomímicos, incapaz de representar conceitos abstratos (Duarte, 2009). Ora, importava reabilitar os indivíduos surdos, obrigando-os a reproduzir os sons da fala da maioria ouvinte.

Consideram-na como um conjunto de gestos «comuns», isto é, daqueles que em geral acompanham a fala ou mimam a realidade; como derivados da linguagem oral; e ainda expressão de comunidades pouco desenvolvidas, um subcódigo da língua, associado a índios ou à designação surdo-mudo (...)
(Amaral *et al.*, 1994, p. 57)

O ponto de viragem viria a acontecer com a publicação do livro *Para uma Gramática da Língua Gestual*, em 1994, elaborado por Amândio Coutinho, Maria Augusta Amaral e Maria Raquel Delgado Martins. Este livro viria demonstrar as verdadeiras dificuldades dos alunos surdos e uma análise sistematizada da LGP que permitiria a compreensão desta como uma língua de estatuto igual às demais línguas orais (LO).

Poucos anos após a publicação deste livro, em 1997, a comissão que havia sido criada para o efeito, conquista finalmente o lugar da LGP na constituição portuguesa, como língua da comunidade surda portuguesa (Carvalho, 2007).

A LGP surge, então, como uma língua detentora de uma gramática própria, que permite o estudo dos aspetos fonológicos, morfológicos e sintáticos (Amaral *et al.*, 1994). O estudo destes aspetos/dimensões são de extrema importância para que

consigamos entender as suas regras e aprofundar o nosso conhecimento, por forma a preservarmos a sua riqueza e assegurarmos a sua continuidade.

É também importante salientar que esta língua carece ainda de bastante vocabulário especializado, devido à sua juventude e ao ingresso dos seus usuários em níveis superiores de ensino ser recente. Consequentemente existe uma grande lacuna no que toca à terminologia específica (Duarte, 2007). Este facto resulta em dificuldades na compreensão de alguns conceitos por parte dos alunos, e não só, também os formadores de LGP, os professores titulares e os intérpretes de LGP enfrentam barreiras na comunicação de termos científicos (Duarte, 2009). Esta lacuna terminológica é, muitas vezes, superada com o recurso à criação de códigos gestuais no seio de micro-comunidades, a nosso ver estes devem ser discutidos entre os alunos – já que estes serão os usuários dos mesmos – e formadores – visto que estes são o modelo e os agentes mais conhecedores da língua e das suas regras. Não nos devemos esquecer porém do intérprete que, enquanto profissional especializado e fluente nas duas línguas – Língua Portuguesa (LP) e LGP – representa um papel fundamental. O tradutor/intérprete assume uma importância fulcral no desenvolvimento de qualquer língua.

(...) o papel central dos tradutores no desenvolvimento das civilizações, sempre contribuindo para a emergência, o enriquecimento e a promoção das línguas e literaturas nacionais, despertando uma consciência coletiva de grupos étnicos e linguísticos, para importar novas ideias e valores, além de colaborar para a preservação do património cultural da humanidade. (Avelar, 2010, p.49)

Concluindo, urge a necessidade de estudos que apontem para o caminho a seguir na construção de códigos gestuais ou de novo léxico que permita a transmissão de termos específicos. Para isso é necessário observarmos os processos de formação de gestos disponíveis em LGP, bem como as categorias gestuais existentes.

Este projeto encontra-se, assim, dividido em duas partes que correspondem a dois grandes capítulos e que se interligam. A primeira, que corresponde ao capítulo I, passará pelo enquadramento teórico que encerra dois pontos que se debruçam sobre diferentes aspetos da LGP e um terceiro que sintetiza a os temas abordados. Em primeiro lugar, observaremos a LGP enquanto língua plena, fazendo uma breve referência à sua

história, para que possamos partir, numa segunda fase, para uma abordagem mais específica e centrada na Língua Gestual Portuguesa.

Na segunda parte, no Capítulo II, deste projeto apresentaremos em quatro pontos o estudo¹ por nós realizado. Iniciaremos, num primeiro ponto, com a exposição dos Objetivos do estudo e passaremos, num segundo ponto para a descrição do Método usado. No terceiro ponto, abordaremos a apresentação dos resultados e a análise do corpus recolhido, através da estatística descritiva e inferencial. Em último lugar, o quarto ponto apresentará a discussão dos resultados e as conclusões retiradas.

¹ Este projeto é parte de um estudo que envolve quatro projetos relacionadas com oito áreas disciplinares distintas. A cargo deste projeto ficaram as áreas da matemática e do português.

I- A Língua Gestual Portuguesa

1. Língua Gestual Portuguesa: o seu desenvolvimento

O presente ponto partirá de uma exploração da Língua Gestual Portuguesa (LGP) de um ponto de vista histórico, tentando mostrar as implicações do passado, e das diferentes visões sobre o indivíduo surdo e sobre a surdez ao longo do tempo no desenvolvimento desta língua. Depois deste enquadramento, tentaremos observar as dimensões da fonética e da fonologia, da sintaxe e da morfologia na LGP.

1.1. Período prévio ao estatuto de língua

A educação de surdos em Portugal atravessou diferentes períodos, estando o seu início situado no reinado de D. João VI (1816 - 1825). Em 1823 é implementado o primeiro instituto português para surdos, em Lisboa, pela mão do professor sueco Per Aron Borg que havia já criado um instituto com os mesmos objetivos em Estocolmo (Albino, 2009; Ferreira, 2006). Os processos de ensino utilizados, por esta figura incontornável da história da educação de surdos em Portugal, baseavam-se no *Método Gestual* como forma de comunicação entre professor e aluno servindo de ponto de partida para a aprendizagem da leitura e da escrita.

Com o Congresso de Milão, em 1880, acontece uma reviravolta no paradigma da educação de surdos. Neste congresso é aprovada uma resolução que proibia o uso da LG nas escolas. A partir de 1906 o *Método Oralista*, que de acordo com Carvalho (2007) vigorou até 1991 e preconizava o treino da fala e da audição por forma a reabilitar as crianças surdas, ganhou força dominando o panorama nacional durante perto de noventa anos (Afonso, 2007; Albino, 2009).

Acresce ainda o facto de estarmos perante uma língua que apenas veio a ser reconhecida na constituição em 1997, deparamo-nos, deste modo, com uma língua que espera ainda estudos sobre as suas dimensões e processos. Simultaneamente convém lembrar que a comunidade surda portuguesa apresenta um baixo nível de escolarização (Duarte, 2009). Só há pouco tempo observamos o ingresso de jovens surdos no ensino superior (Duarte & Mineiro, 2007). Consequentemente, se até aqui os surdos não acediam a níveis de ensino mais elevado não se impunha a necessidade de vocabulário técnico especializado associado às diversas disciplinas. O conjunto destas circunstâncias faz com que terminologia específica, até à atualidade, ainda não surja disponível em LGP.

Ora, o contexto atual, quer da comunidade surda, quer das políticas inclusivas, bem como a oficialização da LGP reformulam os anteriores momentos históricos no sentido de impor à língua uma necessidade, que se afigura premente, no desenvolvimento do seu léxico. Os contextos de tradução e interpretação assumem contornos de maior complexidade que, frequentemente, apenas se justificam pela carência de termos gestuais que façam uma adequada correspondência com a terminologia da Língua Portuguesa (LP) a traduzir e ou interpretar.

Decorrente daqueles factos e para que possamos melhor compreender formas de suprir necessidades de vocabulário específico e implicações das mesmas para o percurso da língua em desenvolvimento, convém observarmos as dimensões e processos, mas não sem antes os contextualizarmos de um ponto de vista histórico. Começamos então por perceber as razões para aceção da LGP como língua da comunidade surda.

1.2. O estatuto de língua

a língua materna/natural de uma comunidade de surdos: uma língua de produção manuo-motora e recepção visual, com vocabulário e organização próprios, que não deriva das línguas orais, nem pode ser considerada como sua representação, utilizada não apenas pelos surdos de cada comunidade mas, também, pelos ouvintes – seus parentes próximos, intérpretes, alguns professores e outros. (Amaral et al., 1994, p. 37)

A LGP apresenta-se como uma verdadeira língua constituída por uma gramática própria, com uma fonética, morfologia e sintaxe específicas. Apesar do seu reconhecimento prévio, a inclusão da LGP na Constituição da República Portuguesa acontece no ano de 1997. É a partir desta data que a LGP começa a dar os primeiros passos, como língua, no ensino de alunos surdos, ao ser introduzida no sistema público de ensino (Carvalho, 2007).

No dizer de Amaral *et al.* (1994), a LGP partilha as mesmas propriedades que fazem dos sistemas orais de comunicação línguas. Assim, esta é também considerada uma língua plena que goza do mesmo estatuto das restantes. Algumas daquelas propriedades prendem-se com: (i) a utilização predominante de gestos arbitrários; (ii) a utilização de recursos produtivos e criativos na conceção de novos vocábulos; (iii) a utilização desta língua numa comunidade de falantes e (iv) a materialização do processo

de aquisição natural da mesma por parte dos falantes, em condições ambientais propícias.

As LG são adquiridas naturalmente pelos nativos da língua sem necessidade de um processo de ensino-aprendizagem formal, isto, se objetivarmos o ambiente ótimo para a aquisição de qualquer língua (Amaral *et al.*, 1994). É de salientar que este ambiente ótimo não é de fácil implementação, uma vez que 95% das crianças surdas são filhas de pais ouvintes e, por isso, não são expostas à sua língua natural desde a nascença (Carvalho, 2007). Consequentemente, as oportunidades de uma aquisição natural da língua são, em geral, mais restritas nos contextos de desenvolvimento das crianças surdas. Tal facto, gera, não raras vezes, uma aquisição mais tardia da língua o que pode ter implicações na proficiência de uso da mesma por parte do surdo e, consequentemente, na qualidade do acesso à informação e “conhecimento do mundo”. Aos constrangimentos ambientais associados à aquisição da língua, acresce o facto de a sua dimensão pragmática encontrar diversidade nos interesses e necessidades nas diferentes gerações de usuários. A sua introdução no sistema de ensino, pela programação que requereu, obrigou a uma uniformização e generalização da língua cujas implicações reclamam ainda tempo para congregar esforços intergeracionais a favor de um desenvolvimento ao nível da diversidade lexical da LGP.

As línguas são sistemas abertos que se encontram em constante evolução; sabido que é que a sociedade, o mundo e as descobertas científicas são realidades extremamente mutáveis deparamo-nos com a necessidade de novo léxico todos os dias. Se isto é verdade para as LO mais antigas, é-o ainda com mais premência no que toca à LGP e a todas as LG que carecem ainda de terminologia para diversas áreas do saber que estão já asseguradas, do ponto de vista do seu léxico, nas línguas orais. Tendo em conta o percurso histórico da LGP, bem como dos seus utilizadores, e os seus escassos anos de língua oficialmente reconhecida é de esperar que esta não se encontre no mesmo estágio de desenvolvimento das LO. Para melhor compreendermos a condição atual da LGP é, então, necessário que observemos a sua história.

Em síntese, a mudança para o paradigma inclusivo na educação de surdos, deu voz a uma efetiva igualdade de oportunidades e equidade nos resultados que, de alguma forma, tendo permitido ao surdo aceder aos níveis escolares e graus académicos

disponíveis, instabilizou um sistema linguístico ao torná-lo menos eficaz na resposta que até então deu à sua comunidade de usuários.

1.3. História da Língua Gestual Portuguesa

Durante muitos anos os Surdos foram tratados como “*surdos-mudos*”, “*incapazes*”, “*deficientes mentais*”. Isto aconteceu, fundamentalmente, por não se acreditar que eles fossem dotados de uma forma de comunicação natural – uma língua (Duarte, 2009). Com a evolução da ciência, da sociedade e dos seus valores deu-se, igualmente, a evolução do conceito da deficiência, o que teve implicações diretas nas políticas educativas em geral e na educação de surdos em particular.

O primeiro instituto para a educação de surdos, foi criado em 1823, tendo sido D. João VI que o determinou (Ferreira, 2006). Entre os anos de 1828 e 1892, os Métodos adotados na educação de alunos surdos tinham por base o gesto ou a mímica – *Método Gestual e Método da Mímica e da Linguagem Escrita* (Carvalho, 2007). Em 1900 é introduzido o *Método Oralista* na educação de surdos, no sistema de ensino português. A introdução deste método levou à proibição do uso da LGP. Esta proibição tornou a LGP uma forma clandestina de comunicação entre crianças e jovens surdos, que mais tarde se viriam a reunir em associações (Faria *et al.*, 2001). Demonstrando que é apenas necessário existir um grupo de surdos para que se crie uma comunidade linguística, não sendo necessário a aprovação social da sua língua (Faria *et al.*, 2001).

Mais tarde, como consequência da utilização de diversos métodos baseados na oralidade, eis que, Maria Augusta Amaral e Amândio Coutinho, em 1989, desenvolvem um estudo para avaliar as dificuldades dos alunos surdos. Em resultado desse estudo surge o *Método Bilingue*. A adoção do método justifica-se por se ter verificado que os alunos possuíam um vocabulário reduzido e estereotipado, não efetuavam a interiorização da estrutura da língua portuguesa, apresentavam um grau de escolaridade inferior aos pares ouvintes e os graus académicos que obtinham não correspondiam às efetivas aquisições escolares, uma vez que estas ficavam aquém daqueles. No entanto, já em 1980 se tinha observado um despertar para a LGP, na sequência das comemorações do ano internacional das pessoas com deficiência. Se juntarmos a estes factos a criação do primeiro curso de Intérpretes, na Associação Portuguesa de Surdos (APS), vemos lançados os dados na luta para o reconhecimento da LGP na Constituição da República Portuguesa.

No seguimento de várias conferências e debates, desenvolvidos na comunidade surda, foi criada, em 1995, uma comissão para o reconhecimento da LGP (Duarte, 2009). Esta comissão conseguiu atingir o seu objetivo máximo em 1997 quando a LGP foi finalmente reconhecida como língua da comunidade surda.

Atualmente, os alunos surdos beneficiam de um Ensino Bilingue que tem como base de todas as aprendizagens a LGP. Feita uma breve análise histórica da LGP passaremos, seguidamente, a abordar três das suas dimensões.

2. Dimensões da língua gestual portuguesa

A LGP, como qualquer outra língua, é um sistema regido por regras com aspetos fonéticos, fonológicos, morfológicos, sintáticos ou semânticos (Amaral *et al.*, 1994). Neste ponto tentaremos apresentar três das dimensões linguísticas da LGP. A saber: fonética e fonologia, sintaxe e morfologia.

2.1. Fonética e Fonologia

Stokoe (1960) foi o primeiro linguista a verificar a existência de diferentes unidades dentro do gesto passíveis de serem estudadas. Desta forma, criou a denominação de *queremas*, que seria o equivalente aos fonemas das LO. No entanto, atualmente, utiliza-se, na maioria das vezes, a terminologia associada às LO. Como referido por Quadros e Karnopp (2004) o próprio Stokoe, em edição posterior (1978), passa a utilizar o termo *fonema*², para se referir às unidades mínimas dos gestos, e o termo *fonologia*³, para se referir ao estudo das suas combinações. Como reiterado por Amaral *et al.* (1994), esta denominação manteve-se com o objetivo de demonstrar a caráter linguístico das LG. Quadros e Karnopp (2004) defendem ainda que o alargamento destes termos às LG visou evidenciar o paralelismo existente entre as LO e as LG.

O argumento para a utilização desses termos é o de que as línguas de sinais são línguas naturais que compartilham princípios linguísticos subjacentes com as línguas orais, apesar das diferenças de superfície entre fala e sinal. (Quadros & Karnopp, 2004, p.48)

² Fonema – «*unidade sem significado*» (Quadros e Karnopp, 2004, p.53).

³ No dizer de Quadros e Karnopp «Fonologia das línguas de sinais é o ramo da linguística que objectiva identificar a estrutura e a organização dos constituintes fonológicos.» (Quadros & Karnopp, 2004, p. 47).

Inicialmente Stokoe (1960) definiu três *parâmetros fonológicos* nas LG – *configuração da mão* (CM); *ponto de articulação* (PA) e *movimento* (M). No entanto, Battison (1974) veio juntar a estes a *orientação da mão* (Or) e as *expressões não manuais* (ENM). Atualmente é, então, vulgar vermos cinco parâmetros associados ao estudo fonológico das LG. É portanto possível estudar os diferentes constituintes fonéticos do gesto.

Após o estabelecimento de que as LG são constituídas por fonemas que, através da sua conjugação, dão origem a morfemas⁴ verificamos que a principal diferença entre estas duas é a sequencialidade (nas LO) e a simultaneidade (nas LG) na produção dos fonemas (Quadros & Karnopp, 2004)

2.1.1. Configuração da Mão

As Configurações da Mão (CM) são um dos parâmetros fonológicos das LG inicialmente definidos por William Stokoe (1960), cada LG tem o seu conjunto de CM, embora as CM possam, por vezes, coincidir em algumas delas (Quadros & Karnopp, 2004). Na LGP existe um conjunto de CM que foram identificadas no Gestuário (coord. Vieira, 1992), no entanto, no estudo realizado por Amândio Coutinho e Maria Augusta Amaral foram inventariadas outras CM. Assim, as figuras abaixo representam todas as CM existentes nestes dois projetos e às quais acrescem as configurações do alfabeto e os algarismos gestuais.



Figura 1 – Imagens com as CM em LGP constantes no Gestuário.

⁴ Unidade mínima de sentido.

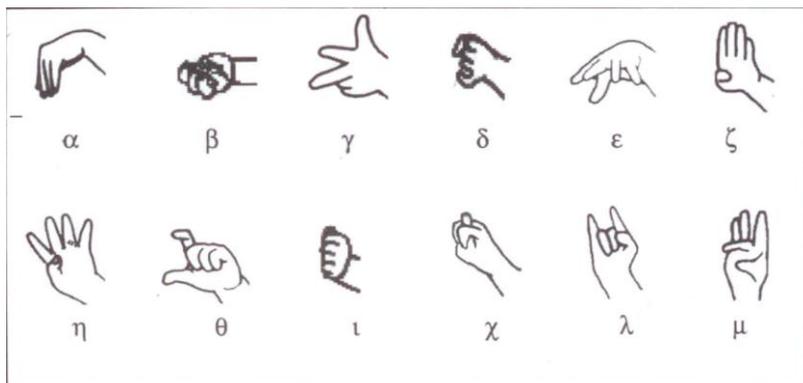


Figura 2 – Imagem com as CM em LGP retirada de *Para Uma Gramática da Língua Gestual Portuguesa* (1994).

2.1.2. Ponto de Articulação

O Ponto de Articulação (PA) é um dos principais parâmetros fonológicos identificados por William Stokoe (1960), assim, torna-se fundamental refletirmos sobre os diferentes aspetos que envolvem este fonema.

Como enunciado por Quadros e Karnopp (2004), alguns investigadores, distinguem os PA principais de subespaços/ pontos de articulação mais específicos, admitindo que a cada gesto corresponde apenas um PA principal. Esta afirmação pode levantar algumas questões atendendo a que as LG são línguas que se definem pelo seu movimento, pois os gestos percorrem o espaço de enunciação⁵ podendo estes transitar entre PA. No entanto, se considerarmos como PA principais apenas os mais abrangentes – tronco, cabeça, espaço neutro e mão passiva – e subespaços todas as localizações mais específicas – nariz, queixo, anelar, *etc.* – observamos a possibilidade de atribuímos apenas um PA principal a cada gesto (à exceção de gestos compostos) (Quadros & Karnopp, 2004). Observemos então os PA adaptados por Ferreira-Brito e Langevin (1995) à Língua de Sinais Brasileira.

⁵ «(...) o espaço de enunciação é uma área que contém todos os pontos dentro do raio de alcance das mãos em que os sinais são articulados» (Quadros & Karnopp, 2004, p. 57).

Tabela 1 – PA principais e específicos de alguns gestos⁶.

Cabeça	Tronco
topo da cabeça	pescoço
testa	ombro
rosto	busto
parte superior do rosto	estômago
parte inferior do rosto	cintura
orelha	
olhos	braços
nariz	braço
boca	antebraço
bochechas	cotovelo
queixo	pulso
Mão	Espaço Neutro
palma	
costas das mãos	
lado do indicador	
lado do dedo mínimo	
dedos	
ponta dos dedos	
dedo mínimo	
anular	
dedo médio	
indicador	
polegar	

2.1.3. Movimento

O movimento (M) apresenta-se como um parâmetro bastante complexo, já que é necessário qualificá-lo quanto ao: (i) tipo de realização – retilíneo, alternado, cruzado, circular, com abertura ou fechamento da mão, por exemplo; (ii) quanto à direcionalidade – para cima, para baixo, para a lateral ou para o centro; (iii) quanto à maneira – qualidade, velocidade e tensão do movimento e (iv) quanto à frequência – com ou sem repetição (Marinho, 2007). O M é ainda observável quanto à sua localização, visto que pode ser realizado ao nível das mãos, do pulso, ou antebraço. Para Quadros e Karnopp (2004), o M pode alterar o significado de determinado gesto mantendo-se, no entanto, relacionado com o significado da forma base. Concretizando, a repetição do movimento de um gesto pode indicar a intensidade do mesmo. Observemos o gesto de GASTAR (associado normalmente ao gasto de dinheiro) se o movimento for repetido várias vezes o significado altera-se para gastar muito.

2.1.4. Expressões não manuais

Correia (2009) define as expressões não manuais (ENM) como «*um traço pertinente na distinção de significados*», como se prova pelos gestos de AINDA+NÃO e FREQUENTEMENTE, que se distinguem apenas pela ENM utilizada. As ENM

⁶ Retirado de Quadros e Karnopp, (2004, p. 58).

podem centrar-se no rosto – expressões faciais – na cabeça ou até mesmo no tronco (Quadros & Karnopp, 2004).

Tal como a entoação dada às frases na comunicação oral as ENM são responsáveis pela distinção de intenções comunicativas, assim, dependendo da ENM utilizada uma frase poderá ser do tipo interrogativa, exclamativa ou declarativa e esta poderá ainda determinar a sua forma – negativa ou afirmativa (Correia, 2009). Ou seja, as ENM podem também funcionar como unidade suprasegmental da língua. Concluindo, uma frase afirmativa poderá passar a negativa ao acrescentarmos uma expressão facial de negação, sendo a mais comum a de bochecha direita inflada e/ou o balanceamento da cabeça de um lado para o outro.

2.1.5. Orientação da mão

Como referido anteriormente, este parâmetro não foi definido como um dos principais por Stokoe (1960), no entanto, como já observamos Battison (1978) veio demonstrar a existência de pares mínimos⁷ que se distinguem apenas pela alteração da orientação da mão (OR). Desta forma, Quadros e Karnopp (2004) enumeram seis tipos de orientação da mão na Língua de Sinais Brasileira – para cima, para baixo, para o corpo, para a frente e para o lado sendo que esta pode ser subdividida em contralateral (palma virada para dentro) ou ipsilateral (palma virada para fora). Os mesmos tipos de OR podem ser verificados na LGP, vejamos as imagens seguintes⁸.

⁷ Nas LO utilizam-se pares que contrastam minimamente para observar os aspetos que distinguem os morfemas. Ora, as LG possibilitam o mesmo tipo de estudo (Quadros, Karnopp 2004. p. 51) para os pares mínimos. Assim, é importante definir par mínimo. Aranoff *et al.* (2008) afirmam que estes são distinções feitas pela substituição de um único elemento, que isolado não tem qualquer significado. Vejamos então alguns exemplos na Língua Portuguesa.

Tabela 2 – Pares Mínimos na Língua Portuguesa

Pares Mínimos na Língua Portuguesa	
Bata	Bala
Bola	Bota

⁸ Todas as imagens foram retiradas de *Para uma Gramática da Língua Gestual Portuguesa* (1994).



Figura 3 – LUME – OR → para cima



Figura 4 – CHUVA – OR → para baixo



Figura 5 HISTÓRIA – OR → para o corpo



Figura 6 – PATO – OR → para a frente



Figura 7 – ÁRVORE – OR → contralateral



Figura 8 – DESOBEDECER – OR → ipsilateral

2.2. Morfologia

Como língua plena que é, a LGP engloba vários processos de formação de novo léxico. Em seguida iremos analisar os processos atualmente disponíveis na LGP para o desenvolvimento de novo léxico.

2.2.1. Processos de formação de gestos em LGP

A Língua Gestual Portuguesa é ainda uma língua jovem com alguma fragilidade em responder às necessidades dos seus utilizadores naturais (Surdos) e também dos profissionais (intérpretes ou professores) que a utilizam diariamente. Se, por um lado, entendemos que não é em laboratório que a língua se desenvolve, por outro, consideramos que «(...) começa a estar na altura de se começar a pensar na língua e não apenas senti-la» (Correia, 2011,p.8).

A Língua Gestual Portuguesa engloba diferentes processos de formação de novo léxico. Tal como Duarte (2009) diríamos que os processos de formação podem ser divididos em dois grandes grupos: Produtividade e Criatividade.

1. Produtividade

O grupo que forma o conjunto *produtividade* engloba gestos formados por *Derivação, Composição e Processo Datilológico*.

Os gestos podem ser formados através da *Derivação*, ou seja, é possível criar gestos novos a partir de um gesto já existente. Nascimento e Correia (2011) abordam este tema referindo que a derivação muda a classe das palavras por meio do acréscimo de afixos a uma base. Amaral *et al.* (1994) verificaram que, em LGP, os nomes podem derivar dos verbos e ilustram este facto através do par verbo/nome ABRIR.PORTA e PORTA, sendo que no nome existe a duplicação da estrutura do verbo. Podemos ainda encontrar outros processos de formação de derivação, sendo eles (i) mudança do movimento gesto, observável no par PÔR.RETROAURICULAR/RETROAURICULAR; (ii) a mudança da configuração da mão, representado no par de gestos CHAMAR/NOME; (iii) a manutenção da configuração alterando todos os outros parâmetros; (iv) mudança apenas da localização da mão e (v) pares verbo/nome que não apresentam qualquer relação entre si (Amaral *et al.*, 1994).

A *Composição* é um processo que se caracteriza pela combinação de gestos já existentes sem que haja perda de fonemas (Duarte & Mineiro, 2007). Amaral *et al.* (1994) defendem, ainda, a existência de dois tipos de composição: *composição por justaposição* e por *aglutinação*. O primeiro tipo – composição por justaposição – pode ser observado no gesto de BOM + DIA, onde os dois gestos se mantêm iguais sendo apenas eliminadas as suspensões (Ss) que os gestos apresentariam individualmente, mantendo-se apenas a suspensão (S) inicial do primeiro gesto e a suspensão (S) final do segundo gesto, ou seja, desaparecem as Ss intercalares para que os gestos se associem de forma mais efetiva. Quanto à composição por aglutinação encontramos um outro exemplo, dado pelos mesmos autores, *carnívoro*, que se representa pelo gesto composto CARNE + COMER, onde é eliminada a duplicação dentro de cada um dos gestos. Decorrente do anteriormente exposto e em jeito de generalização, é possível identificar três regras na formação de gestos por composição (Quadros & Karnopp, 2004.): (i) regra do contato – o primeiro, o segundo ou o único contato é mantido nos gestos

compostos; (ii) regra da sequência única – eliminação do movimento interno ou da repetição do movimento e (iii) regra da antecipação da mão não dominante – verifica-se que a mão não dominante aparece no espaço neutro antecipando o movimento da mão dominante.

O processo de formação denominado como *Processo Datilológico*, identificado por Amaral *et al.* (1994), Correia e Nascimento (2011) e Duarte (2009), prende-se com a utilização das configurações da mão utilizadas para identificar as letras do alfabeto na LGP. Nascimento (2009) identifica este processo como um processo de *Empréstimo da Língua Oral*. Este processo encontra-se subdividido em: (i) *Empréstimo por Transliteração Pragmática* que consiste na passagem integral da palavra para o alfabeto manual e (ii) *Empréstimo por Transliteração Lexicalizada*⁹ que pode ter duas formas, a primeira, em que são representadas todas as letras mas com um ritmo diferente como por exemplo o gesto de OVAR; a segunda por palavras abreviadas, como por exemplo M – B para designar multibanco.

2 – Criatividade

Dentro da Criatividade podemos encontrar dois tipos de processos, os processos de *Empréstimo* e os processos *Imagéticos*.

No grupo dos Empréstimos podemos encontrar os que ocorrem a partir de outras LG, como é o caso do novo gesto de CULTURA importado do Código Gestual Internacional. Identificamos, também, o *Empréstimo Interno* no exemplo de TERRAMOTO e SISMO, que são representados pelo mesmo gesto.

No *Empréstimo por Transliteração da Letra Inicial* (Nascimento, 2009), também designado por *Inicialização*, é utilizada a configuração correspondente à primeira letra da palavra. No entanto, este é um processo híbrido que, apesar de motivado pela letra inicial da palavra na LO, acaba por ser adotado pela LG em questão seguindo, a partir de então, todas as regras desta língua para a formação de gestos. Os gestos de PORTO e LISBOA demonstram o acima exposto (Correia & Nascimento, 2011).

O tipo de *Empréstimo Cruzado* (Nascimento & Correia, 2011) poderá gerar polissemia gestual. Assim, este processo surge quando nos deparamos com palavras

⁹ Este processo pode conter os processos Abreviação e a Inicialização que serão explicitados mais à frente (Duarte, 2009).

homógrafas¹⁰, homónimas¹¹ ou parónimas¹² na Língua Oral que se transpõem para a LGP com o mesmo gesto. É disso exemplo o gesto para designar “Carcavelos” – CAVALO.

Vejamos agora o grupo dos *Processos Imagéticos* formado pelos processos de (i) *Recurso à Metáfora*, (ii) *Recurso à Metonímia/ Sinédoque*, (iii) *Recurso a Elementos Prototípicos*, (iv) *Recurso a Categorizadores*, (v) *Recurso a Classificadores* e (vi) *Criação de campos semânticos*.

As metáforas «*envolvem a substituição de um termo por outro nos níveis estruturais, ontológicos ou orientacionais*» (Correia & Nascimento, 2011, p. 49). Deste modo, o *recurso à metáfora* pode ser observado, por exemplo, ao nível orientacional, sendo disso exemplo os gestos de ONTEM e de AMANHÃ.

O recurso à metonímia/ sinédoque caracteriza-se pela representação da parte para referir o todo. O gesto de CARRO ilustra a utilização deste processo, já que se utiliza o volante (parte) para referir o todo (carro).

[Sinédoque é] (...) *um subtipo da metonímia (...) [que] (...) consiste na representação de apenas uma parte pelo todo, mas uma característica do todo selecionado irá funcionar como iluminação para o entendimento. Assim a metonímia tem uma função referencial que nos permite usar uma entidade para encontrar a outra* (Faria, 2003, p. 66).

Em Duarte (2009), bem como em Correia e Nascimento (2011) a expressão *Empréstimo Estereotipado* é utilizada para designar o processo de *recurso a elementos prototípicos*, uma vez que copia integralmente a forma de um objeto. O gesto que se refere ao sinal da adição MAIS é ilustrativo do uso deste processo.

Duarte (2009) refere que o processo de *recurso a categorizadores* se define pela adição de morfemas para a criação de categorias. Vejamos os gestos de vestuário – VESTIR+COISAS – e de alimentação – COMER+COISAS – que representam o processo enunciado.

¹⁰ Palavras que têm a mesma grafia, mas com pronúncia e sentidos diferentes.

¹¹ Palavras que têm grafia e pronúncia iguais, mas sentidos diferentes.

¹² Palavras que têm som e grafia semelhantes.

«*Em Línguas Gestuais, os Classificadores – CL – são estruturas morfélicas que se comportam como gestos*» (Correia & Nascimento, 2011, p. 107). Na LGP é possível identificar este processo através do gesto utilizado para referir “pessoa a andar”.

Duarte (2009) relata que a *criação de campos semânticos* é um recurso ainda pouco utilizado em LGP. Ainda assim, identifica o campo semântico que engloba os vocábulos *árvore, agricultor, campo, floresta*, em LGP todos eles encontram um mesmo morfema inicial na realização do gesto correspondente (configuração O no nariz com orientação contralateral).

2.3. Sintaxe

Amaral *et al.* (1994) definem a sintaxe da LGP através do espaço sintático, que se localiza diretamente à frente do gestuante, sendo este o local onde se organizam todas as relações sintáticas e morfológicas. Deste modo, ao estudar-se o espaço sintático observamos o estabelecimento de índices que podem indicar pessoas ou objetos não presentes. Isto significa que ao referirmos uma pessoa ou um objeto, que não está presente, podemos atribuir-lhe um determinado locus não sendo necessário voltar a utilizar o seu nome/designação. Depois de escolhido o locus, será suficiente apontar ou olhar na direção do mesmo para evocar a pessoa ou objeto.

Passemos agora à ordem mais comum das frases em LGP. Amaral *et al.* (1994) referem que geralmente as frases em LGP se organizam em Objeto (O), Sujeito (S), Verbo (V). Torna-se interessante observar que na Língua Portuguesa a ordem gramatical das frases será SVO e que isto é também verdade quando aplicado à LIBRAS¹³ (Quadros, 2011), ficando, assim, demonstrada a independência total da LG face à LO do país, também no que toca a aspetos sintáticos.

2.1. Categorias de Gestos

A LGP engloba diferentes tipos de gestos. Amaral *et al.* (1994) definiram três categorias: *icónica, arbitrária e referencial*. No entanto, achamos importante discutir também os gestos que na sua formação resultam de processos datilológicos/ processos de empréstimo da língua oral devido à enorme incidência destes na LGP e à dificuldade de introduzi-los em qualquer das outras categorias.

¹³ Língua de Sinais Brasileira.

Nesta perspetiva interessa discutir os conceitos de Arbitrariedade e de Iconicidade. Quando foram efetuados os primeiros estudos sobre as LG (e.g. Stokoe, 1960), verificou-se que estas eram sistemas linguísticos complexos que utilizavam regras e convenções próprias de qualquer língua. Confirmou-se, assim, que estas eram verdadeiras línguas e não apenas processos miméticos e pantomímicos. Em resultado, verificou-se uma necessidade de afastar estas línguas da iconicidade que lhes é própria, tentando aproximá-las das características das LO. Mais recentemente Gokhale *et al.* (2007) consideraram a falta da iconicidade nas línguas orais como uma limitação do meio em que são produzidas e não como um indicador negativo na sua integração na linguagem e no pensamento abstrato. Ponderando tudo isto e atendendo a investigações mais atuais (Bosworth & Emmorey, 2010; Thompson *et al.*, 2009, 2010), é de salientar a importância deste recurso nas LG.

2.3.1. Categoria Referencial

Utilizando a divisão de Amaral *et al.* (1994) é importante mencionar os gestos referenciais que se caracterizam por apontar para o referente. Por uma questão meramente informativa, tentaremos explorar um pouco a categoria *referencial* de acordo com Amaral *et al.* (1994), estes caracterizam-se essencialmente por apontarem para o referente. Os gestos referenciais reclamam a possibilidade de indicar a “entidade” à qual a tradução se refere.

Alguns exemplos de gestos referenciais são aqueles que utilizamos para nos referir a alguns pronomes pessoais como se pode constatar nas imagens¹⁴ a seguir.



Figura 9 – Gesto EU em LGP. Figura 10 – Gesto TU em LGP.

2.3.2. Categoria Arbitrária

Gestos arbitrários são aqueles que não apresentam qualquer relação com a realidade. Sendo que apesar de poderem ter sido motivados visualmente, ou não, na sua criação perderam, quer pela evolução do gesto ou do conceito representado, os

¹⁴ Imagens retiradas de *Para uma Gramática da Língua Gestual Portuguesa* (1994).

componentes que lhe conferiam essa propriedade. Aronoff, Meir, e Sandler (2005) referem que alguns gestos, inicialmente icónicos, evoluem para gestos arbitrários.

Por exemplo, o gesto de CASA é um gesto que não sofreu alterações e poderá ter uma origem icónica, ou seja, o bater no peito ou no ombro pode estar relacionado com a antiga aldraba das portas das casas, podendo, assim, ser entendido como um gesto icónico de ação. No entanto, como se extinguiu de forma generalizada esta forma de chamar às portas das casas, o gesto é classificado como arbitrário. Melhor dizendo, trata-se de um exemplo em que a iconicidade foi suprimida pelas evoluções tecnológicas e/ou sociais e não tanto pelas mutações que o gesto foi sofrendo ao longo do tempo.

Amaral *et al.* (1994) concluíram que os gestos arbitrários representam a maior parte do léxico da LGP. Enumeremos alguns exemplos de gestos arbitrários¹⁵:



Figura 11 – Gesto CHOCOLATE em LGP



Figura 12 – Gesto HISTÓRIA em LGP



Figura 13 – Gesto GRAMÁTICA em LGP

2.3.3. Categoria Icónica

Thompson *et al.* (2009) definem iconicidade como a relação transparente entre forma e significado.

As LG utilizam um sistema mano-visual, logo, podem mais facilmente recorrer à iconicidade. Segundo Aronoff *et al.* (2005), a iconicidade é o que se espera de qualquer língua que o possa fazer. Por outro lado, as LO têm um sistema oral que apenas lhe permite utilizar este recurso de forma escassa, como, por exemplo, as onomatopeias. Estes autores concluíram que a arbitrariedade poderá ser uma propriedade das línguas antigas e não da linguagem humana. Do mesmo modo, Thompson *et al.* (2009) reiteram

¹⁵ Imagens retiradas de *Para Uma Gramática da Língua Gestual Portuguesa* (1994).

que a iconicidade é um elemento facilitador, já que as propriedades icónicas de um gesto são mais salientes para o gestuante do que as propriedades não-icónicas.

Saliente-se ainda que, de acordo Amaral *et al.* (1994), mesmo quando os gestos são icónicos o seu sentido é raramente apreendido por indivíduos sem conhecimentos básicos de LGP. Isto leva-nos a pensar que a perceção da iconicidade requer conhecimentos prévios da Língua em que esta é utilizada.

(...) embodied cognition may be more evident for people who use a signed language where iconic links between phonology and semantics are rampant across a wide range of basic conceptual structures. (Thompson et al., 2010, p.1024)

Numa análise mais atenta, Aronoff *et al.* (2005) verificaram, ao estudar os processos de evolução das línguas gestuais em comparação com línguas orais recentes, que as primeiras são mais ricas em processos flexionais. Estes autores reiteram que, apesar da semelhança em alguns processos morfológicos e flexionais, a modalidade visuo-espacial das LG e a sua capacidade icónica permitem um desenvolvimento mais rápido dos processos, enquanto as línguas orais apresentam um sistema arbitrário e, por isso mesmo, desenvolvem-se mais lentamente.

Os gestos podem expressar a sua motivação visual de várias formas, ou seja, existem gestos que transportam a forma do objeto para a CM (ex.: BOLA), enquanto outros representam o movimento de determinado objeto e/ou ato, vejamos, a exemplo, os gestos de ACORDAR (como referido por Amaral *et al.*, 1994) e de ANDAR.

Justificada a categoria de um ponto de vista mais teórico vejamos como se pode comportar de um ponto de vista mais pragmático, passaremos a ilustrar¹⁶:

Vento – que apesar de ser um conceito mais abstrato, uma vez que não se vê e não se pode tocar apenas se sente, poderá ser um gesto icónico. O gesto utilizado para nomear este conceito representa o modo como reagem os objetos quando confrontados com a sua presença. Já ENM utilizada remete para o ato de soprar que, de um ponto de vista concetual, pode encontrar-se na mesma rede lexical de vento.

¹⁶ Figuras 14, 15, 16, 17, 19 e 20 retiradas da página da Internet www.spreadthesign.com (consulta efetuada a 2 de Julho de 2012).



Figura 14 – Gesto VENTO em LGP.

Feliz – mais uma vez um conceito abstrato, mas cujo gesto nos indica o ato de sorrir, ação que habitualmente ocorre quando estamos felizes.



Figura 15 – Gesto FELIZ em LGP.

Campo – Duarte (2009) refere que este gesto pode integrar o campo semântico de Natureza, tal como os gestos: AGRICULTURA, AGRICULTOR, ÁRVORE e FLORESTA. Visto que todos eles partilham a utilização do morfema preso (mão configurada em “o” no nariz, OR contralateral). Sendo estes gestos formados com recurso à criação de campos lexicais, e sendo este um processo de formação imagético, podemos afirmar que estes gestos apresentam algum grau de iconicidade.



Figura 16 – Gesto CAMPO em LGP

Modelo – encontramos aqui outro exemplo semelhante ao de CAMPO, é possível observarmos a existência de um campo lexical, na LGP, mais uma vez com a utilização de um morfema preso em gestos como os de IMITAÇÃO e FOTOCÓPIA, sendo que a mão esquerda serve de suporte ao movimento da mão dominante que desempenha a ação de cópia. Neste exemplo, existe apenas a modificação da OR da mão não dominante e consequentemente da mão dominante.



Figura 17 – Gesto MODELO em LGP

Bola – gesto completamente icónico que transporta para as mãos a forma do objeto em questão.



Figura 18 – Gesto BOLA em LGP¹⁷

Acordar – gesto totalmente icónico que nos indica o movimento realizado pelos olhos ou braços e tronco quando acordamos.



Figura 19 – Gesto ACORDAR em LGP

Cavalo – gesto metonímico, que tem como base a crina do cavalo, pode também ser considerado como um gesto de componente icónica.



Figura 20 – Gesto CAVALO em LGP

Como os exemplos ilustram, existem gestos que poderíamos designar de completamente icónicos e gestos parcialmente icónicos, ou seja, a pureza da iconicidade pode ser influenciada por vários fatores, incluindo também a arbitrariedade na tomada de decisões. No entanto, há um fator decisivo na liberdade desta tomada de decisão e

¹⁷ Imagem retirada de *Para uma Gramática da Língua Gestual Portuguesa* (1994).

que envolve a natureza mais concreta ou abstrata do conceito. Conceitos mais concretos podem gerar gestos “completamente” icónicos, sendo seguro que, conceitos acentuadamente abstratos dificilmente se traduzirão em gestos “completamente” icónicos. Mesmo assim, defendemos que até os conceitos abstratos podem gerar gestos com algum grau de iconicidade. Assim, por icónico entendemos o gesto que tem nalguma parte da sua composição uma representação icónica. Na perspetiva aqui adotada a categoria icónica traduz-se no intervalo entre o parcialmente ou menos icónico e totalmente icónico. Assim, de um lado, poderíamos ter o gesto de PÁSSARO – totalmente icónico – e do outro, o gesto de VENTO – parcialmente icónico¹⁸.

Existem ainda outras formas de expressão de motivações icónicas, como os gestos metafóricos, metonímicos, entre outros. Neste trabalho, consideram-se como icónicos todos os gestos que se formam a partir de processos imagéticos, que foram apresentados anteriormente.

2.3.4. Categoria de Empréstimo da Língua Oral

Os gestos formados por empréstimo da língua oral, na conceção adotada neste trabalho, são desprovidos de arbitrariedade, já que, na sua etiologia, há sempre uma motivação ligada à Língua Portuguesa e são igualmente desprovidos de iconicidade, porque não retratam o movimento nem tão pouco o objeto, podendo apenas retratar o alfabeto gestual, que é visualmente apresentado, mas que é em si mesmo uma abstração do alfabeto português. Por estas razões, torna-se difícil enquadrá-los em qualquer uma das tipologias já definidas.

Os gestos formados por empréstimo da língua oral podem ser formados através de qualquer uma das subcategorias definidas anteriormente nos processos de formação. A tabela abaixo permitirá observar diferentes exemplos.

Tabela 3 – Exemplos de gestos formados por Empréstimos da Língua Oral.

Processos de Empréstimo da Língua Oral	Exemplo da LGP
Empréstimo por transliteração lexicalizada	OURO
Inicialização	INSTITUIÇÃO
Abreviação	MB
Empréstimo Cruzado	CARCAVELOS

¹⁸ Faria *et al.* (2001) referem a existência de diferentes níveis de iconicidade.

Importa agora refletir nas implicações que todos os pontos até aqui abordados têm no desenvolvimento do trabalho dos profissionais da interpretação, por um lado, e, por outro, no caminho a seguir na formação de novos gestos.

O nosso estudo terá, assim, como objetivo geral conhecer a perceção da adequação das categorias de gestos pelos usuários e especialistas da língua. Deste modo, tentaremos, na segunda parte deste trabalho, analisar e refletir sobre esta questão.

II- Estudo: percepção das categorias gestuais em usuários de LGP

Objetivos

Foram sobretudo duas preocupações que nortearam a execução deste projeto. Por um lado, constatarmos de forma empírica uma lacuna no que se refere a terminologia específica em LGP. Por outro lado, observamos as dificuldades que este facto acarreta para o desempenho da função do intérprete de LGP e para a garantia do acesso à informação a que o aluno surdo tem efetivo direito.

Duarte (2007) refere que a inexistência de gestos especializados para determinadas áreas do saber impedem que o intérprete cumpra uma das regras essenciais do seu código de ética – respeitar o conteúdo original da mensagem na língua de partida. Esta autora reitera ainda que, confrontados com esta situação, os profissionais da interpretação recorrem essencialmente a dois processos de transmissão de conceitos: a datilologia e a paráfrase, que se caracterizam por transpor a palavra para o alfabeto manual e explicar o conceito, respetivamente. No entanto, estes dois processos não são uma solução para o problema apresentado, visto que, o primeiro não permite uma compreensão clara do conceito e o segundo implica uma perda de tempo significativa em relação ao orador, pondo em causa a tradução simultânea de todo o discurso. A falta desta terminologia específica prejudica essencialmente os jovens surdos que não tendo como nomear um determinado conceito não são capazes de o armazenar e poder aceder a este em qualquer altura. Lorenzini (2004), baseando-se nos estudos de Vygotsky, descreve a palavra como fator de ligação entre pensamento e linguagem. Se pensarmos que a palavra, seja ela oral ou gestual, adquire tamanha importância, uma vez que encerra o significado que é em si o conceito a adquirir, podemos atestar a importância da terminologia científica para o progresso dos alunos surdos no seu percurso académico.

É no significado da palavra que o pensamento e a linguagem se unem e formam o pensamento lingüístico. O significado é um fenómeno da fala: palavras sem significado são apenas um som vazio. É um fenómeno do pensamento: o significado de cada palavra é uma generalização, um conceito, que por sua vez são atos do pensamento. O significado é fenómeno do pensamento apenas quando o pensamento ganha corpo por meio da fala, e só é fenómeno da fala na medida em que a palavra está ligada ao pensamento, sendo iluminada por ele. (Lorenzini, 2004, p.44).

Como consequência da necessidade de terminologia específica para diversas áreas científicas, constatamos, mais uma vez de forma empírica, a utilização de códigos gestuais pelos intérpretes de LGP na tradução que realizam no contexto de sala de aula. Estes códigos são criados pelos intérpretes em conjunto com os alunos e formadores de LGP, e têm por objetivo simplificar a comunicação dentro da sala de aula, bem como, facilitar a aquisição do conceito lecionado por parte do aluno surdo. Importa, assim, discutir quais as diferentes categorias de gestos a utilizar. Durante a fase curricular do Mestrado em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa foi veiculado, pelos docentes encarregues da componente prática do mestrado supracitado, que a opção mais correta a tomar seria optar por gestos com uma componente fortemente icónica. Como sabemos este tema pode suscitar alguma controvérsia, Roald (2000) defende que a iconicidade pode limitar a compreensão do conceito a algo mais concreto não permitindo a concetualização da sua componente mais abstrata.

No entanto, é necessário aludir ao facto de que quando nos referimos à iconicidade das LG, defendida por alguns investigadores (Aronoff *et al.*, 2005; Thompson *et al.*, 2009 & 2010), falamos de uma iconicidade mais concetual apenas apreendida por indivíduos que tenham conhecimento da língua (Amaral *et al.*, 1994). É também importante referir que os gestos icónicos tendem a perder as suas características mais visuais evoluindo para gestos mais arbitrários.

A arbitrariedade como característica própria de qualquer língua pode ser também um dos caminhos a seguir. Convencionar um gesto, sem nenhuma influência visual ou de qualquer outra língua, que respeite as regras de formação da LGP é, a nosso ver, uma opção viável.

Duarte (2009) constatou que os intérpretes optam com mais frequência por códigos formados através de empréstimos da língua oral. Ora convém discorrer um pouco sobre estes processos tantas vezes utilizados em contextos de tradução simultânea. Estes processos são a base de uma parte significativa do léxico da LGP e, quando se trata da criação de códigos linguísticos, poderíamos argumentar que estes evocariam mais facilmente o termo correspondente da língua oral, que os alunos surdos são tantas vezes obrigados a reproduzir em situações de avaliação.

Com base em todos os dados aqui relatados o estudo tem como objetivos: (i) descrever as diferentes categorias de gestos e os processos de formação de gestos para

efeitos do próprio estudo, o que já foi feito no ponto 2 do capítulo I, (ii) conhecer a perceção da adequação relativa a alunos e especialistas das três categorias gestuais apresentadas, (iii) perceber de que forma os usuários, alunos, e especialistas da língua percecionam a adequação das diferentes categorias gestuais de acordo com cada disciplina e (iv) compreender de que modo diferentes variáveis sociodemográficas (idade de aquisição da LGP, região de residência, grau de surdez, idade atual e ano de escolaridade) influem na opção dos usuários da língua (alunos).

Método

Participantes

O conjunto dos participantes é formado por dois grupos, um dos grupos integra um conjunto de especialistas da língua (n=8) – quatro Intérpretes e quatro Formadores de LGP – e o segundo é constituído por alunos surdos (n=33), usuários da LGP, de duas escolas secundárias.

No primeiro grupo, painel de especialistas, encontramos indivíduos que reúnem as seguintes características: (i) indivíduos que já lecionaram unidades curriculares ligadas à LGP no Ensino Superior¹⁹; (ii) balanceamento segundo profissão e região do país – dois Intérpretes e dois Formadores de Lisboa e Vale do Tejo, dois Intérpretes e dois Formadores do Porto; (iii) no caso dos Intérpretes existência de familiares surdos diretos²⁰.

Tabela 4 – Idade de Aquisição da Língua, Língua Materna e Zona de Residência dos participantes.

Participantes	Idade de Aquisição da Língua			Língua Materna			Zona de Residência	
	Idade Pré-escolar	Idade Escolar	Idade Adulta	LP	LGP	Bilingue	Norte	Sul
Intérpretes	2	2	0	2	0	2	2	2
Formadores	3	0	1	1	2	0	2	2
Total	5	0	3	3	2	2	4	4

Legenda: Pré-escolar – 0 aos 6 anos de idade; Idade Escolar - 6 aos 18 anos de idade; Idade Adulta a partir dos 18 anos; LP- Língua Portuguesa; LGP- Língua Gestual Portuguesa.

O segundo grupo, painel de alunos, inclui indivíduos com as seguintes características: (i) frequentam o Ensino Secundário; (ii) residem nas regiões de Lisboa e Vale do Tejo e do Porto – oriundos de três escolas secundárias de referência, uma no norte do país e duas no sul. Na tabela abaixo serão apresentadas características dos participantes de forma mais pormenorizada.

¹⁹ Um dos especialistas não cumpre este requisito tendo sido escolhido pela sua proficiência e pela experiência em lecionação da LGP.

²⁰ Este critério não pôde ser preenchido por todos os indivíduos, visto não se encontrarem disponíveis na região do Porto dois profissionais que cumprissem simultaneamente os dois critérios. Deste modo nenhum deles preenche todos os requisitos, sendo que foram escolhidos em função da sua proficiência e proximidade à comunidade surda.

Tabela 5 – Ano de escolaridade, Nota de LGP, Grau de Surdez e Início de Aprendizagem da Língua dos Participantes

Participantes	Ano de Escolaridade/ Sexo						Nota LGP			Grau de Surdez			Idade de início de aprendizagem da Língua		
	10º		11º		12º		NS	S	B	MB	S	P	Pré-escolar	1º Ciclo	2º/3º Ciclo Secundário
	M	F	M	F	M	F									
Escola A	7	6	1	2	5	1	5	10	5	2	7	15	6	11	5
Total = 22 (F=9; M= 13)															
Escola B ²¹	1	3	0	0	3	0	-	1	2	-	1	6	6	1	0
Total = 7 (F=3; M= 4)															
Escola C	1	0	1	1	1	0	0	2	1	1	1	4	1	3	0
Total = 4 (F=1; M=3)															

Legenda: Escola A – Escola Secundária do Porto; Escola B – Escola Secundária de Lisboa e Vale do Tejo; Escola C – Escola Secundária de Lisboa e Vale do Tejo; NS – [0;9] ou [1;2]; S – Satisfaz,[10;13] ou [3]; B – Bom, [14; 16] ou [4]; MB – Muito Bom [17; 20] ou [5]; S – Severo; P- Profundo.

Materiais

Foram considerados dez conceitos sem correspondente direto na LGP, da Matemática e da Língua Portuguesa, apresentados numa grelha (anexo II), utilizada na administração aos participantes. A escolha dos conceitos foi feita com recurso aos programas das disciplinas em questão, desde o primeiro ciclo do ensino básico ao ensino secundário, tentando, assim, obter-se conceitos transversais a diferentes níveis de ensino.

Todos os conceitos foram gravados em vídeo (anexo III). A gravação foi feita em duas partes, visto que, seria pouco adequado que os participantes cotassem todos os gestos de uma só vez devido à enorme quantidade de gestos apresentados (240) e ao desgaste que a tarefa provocaria o que poria em causa as condições de conforto na realização da tarefa prevista. Assim, no primeiro vídeo encontram-se a apresentação e as orientações para a participação no estudo, bem como, quatro das áreas científicas/disciplinares, sendo elas: Biologia, Ciências, Geometria e Matemática. Na segunda parte, encontramos as quatro áreas restantes – Saúde, Português, Direito e Arquitetura. Os gestos foram também balanceados em função das categorias de pertença, ou seja, foram sequenciados em função de diferentes combinações, para que a

²¹ Nesta escola os alunos não têm LGP como disciplina; deste modo, apenas os alunos do 10º ano puderam indicar a nota do ano letivo transato.

ordem da sua apresentação não interfira na escolha dos participantes. No vídeo foi ainda incluída uma imagem adequadamente clarificadora do conceito, de modo a não sobrecarregar os participantes quer quanto ao tempo quer quanto à densidade da tarefa. A filmagem de todos os gestos, bem como das orientações a seguir no preenchimento das grelhas, foi realizada pela investigadora que não apresentava qualquer ligação com nenhuma das escolas onde os dados foram recolhidos.

Procedimentos

Num primeiro momento, foram definidos, com base na literatura, os conceitos usados para categorizar os gestos a apresentar junto dos participantes. Na tabela seguinte poderemos observar as três categorias usadas.

Tabela 6 – Definição das Categorias de Gestos em Função da sua Tipologia e Processos de Formação.

Categorização de Gestos por tipologia e processos de formação	Critérios de Inclusão
Gestos Arbitrários	Esta é uma categoria que inclui os gestos que não apresentam qualquer relação com a realidade. Ou seja, « <i>As palavras e os sinais apresentam uma conexão arbitrária entre forma e significado, visto que, dada a forma, é impossível prever o significado, e dado o significado é impossível prever a forma.</i> » (Quadros & Karnopp, 2004, p. 26) Nesta categoria incluem-se todos os gestos excluídos dos outros dois critérios Ex: Casa, Fácil, Decidir
Gestos Icónicos	Esta categoria encerra todos os gestos que tenham algum aspeto icónico seja ele mais ou menos saliente. Thompson <i>et al.</i> (2009) definem iconicidade como a relação transparente entre forma e significado. Os gestos icónicos são todos aqueles que transpõe para o gesto a forma ou o movimento de determinado objeto. Ex: Feliz, Pássaro, Bola, Padre
Gestos formados por Empréstimo da Língua Oral	Esta é uma categoria que compreende um processo de formação de gestos em LGP que nos parece de grande importância porque é utilizada com frequência em gestos dos mais diferentes domínios. O <i>Processo Datilológico</i> identificado por Amaral <i>et al.</i> (1994), por Duarte (2009) e por Correia e Nascimento (2011), prende-se com a utilização das configurações da mão utilizadas para identificar as letras do alfabeto na LGP. Nascimento (2009) denomina-o <i>Empréstimo da Língua Oral</i> . Este processo pode ser subdividido em diversos processos, a transliteração completa da palavra para o alfabeto gestual (Empréstimo por Transliteração Pragmática), a transliteração completa da palavra mas com um ritmo próprio ou ainda a abreviação das palavras da LO (Empréstimo por Transliteração Lexicalizada), ou ainda a utilização da primeira letra da palavra seguindo a partir daí todas as regras da LGP. Temos, por último, os Empréstimos Cruzados que tratam das polissemias gestuais que derivam de palavras homógrafas ou parónimas. Ex: Ouro, Ovar, Telheiras

Dentro das variadas classificações e processos de formação de gestos estes, agora designados por categorias gestuais, foram os considerados para a criação das três “alternativas gestuais” para cada conceito. Estes três grupos enquadram uma grande parte dos gestos da LGP o que justifica a opção tomada. A exclusão do grupo de gestos referênciais deveu-se ao facto de estes se caracterizarem por apontar para o objeto e, assim, terem o seu uso definido não necessitando de estudo acerca das preferências da comunidade usuária da LGP.

Num segundo momento, foram pensados gestos para os conceitos selecionados neste estudo. Os gestos dizem respeito aos domínios do português e da matemática, para cada um dos domínios foram tratados 10 conceitos. Para cada conceito, num total de vinte conceitos propusemos três gestos – um icónico, um arbitrário e um formado por empréstimo da língua oral.

O conjunto dos sessenta gestos, relativos aos vinte conceitos dos dois domínios científicos/disciplinares, foram tipificados por dois observadores independentes que conheciam as orientações adotadas (gesto arbitrário, gesto icónico e gesto formado por empréstimo da língua oral) e que de forma independente procederam à tarefa de tipificação dos gestos, a aceitação dos gestos esteve dependente de um acordo unânime inter-observadores.

Concluídos os procedimentos quanto à preparação dos materiais, como atrás se detalha, passamos então ao momento que envolveu a recolha de dados. Obtidos os consentimentos informados (ver anexo IV), os dados no grupo dos alunos foram recolhidos em contexto de sala de aula, acompanhados por um intérprete de LGP e sempre que possível por um professor da turma. Ao visionarem os vídeos, os participantes puderam, sempre que desejaram, interromper e pedir para voltar atrás; no entanto, no final de cada conceito a visualização foi interrompida por forma a permitir o preenchimento da grelha conceito a conceito.

Quanto aos procedimentos no grupo de especialistas os vídeos foram administrados individualmente, sendo os tempos de paragem de observação da gravação geridos, autonomamente, por cada participante.

Apresentação dos Resultados

Os dados acerca da preferência de alunos surdos e especialistas (formadores e intérpretes) quanto às três categorias de gestos – arbitrários, empréstimo da língua oral e icónicos - para a representação de conceitos, ainda sem correspondente gestual na LGP, serão apresentados numa abordagem descritiva e de estatística inferencial. Os dados foram tratados com recurso ao IBM SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), versão 19.0.

Da análise descritiva dos dados e da estatística exploratória realizada, mostrou-se pertinente considerar os dados relativos à primeira preferência dos participantes, visto que se verificou uma clara valorização da categoria icónica em relação às restantes categorias gestuais. Esta decisão ocorre na sequência de resultados obtidos numa primeira abordagem aos dados em estatística exploratória.

Resultados globais por disciplina entre pares de categorias gestuais

Interessa, em primeiro lugar, observar as diferenças entre as médias gerais nas duas áreas disciplinares – matemática e português. Com este objetivo utilizaremos o Teste T para Amostras Emparelhadas, como recomendado por Martins (2011), para avaliar se a média da amostra na variável dependente difere nas condições experimentais.

Tabela 7 – Teste T para Amostras Emparelhadas: Diferenças entre a escolha, como primeira preferência, entre a Categoria Icónica e Categoria de Empréstimo da LO.

Teste T para Amostras Emparelhadas	Icónico (n=41)		Empréstimo da LO (n=41)		t (41)
	Média	D.P.	Média	D.P.	
Matemática	7.85	1.957	1.39	1.321	13,987***
Português	8.34	1.315	1.17	.972	21,537***

*** $p = .001$

Existem diferenças significativas ($t=13,99$; $p=.001$), no domínio da matemática, entre a média de escolha da categoria icónica ($M=7,85$; $D.P.=1,96$) e da categoria de empréstimo da LO ($M=1,39$; $D.P.=1,32$). Sendo que a categoria icónica é mais preferida do que a categoria de empréstimo da LO.

Observou-se diferenças significativas ($t = 21.54$; $p = .001$) entre a média de escolha da categoria icónica ($M=7,85$; $D.P.=1,96$) e da categoria de empréstimo da LO

($M=1.39$; $D.P.=1.32$), na área do português. A categoria icónica é manifestamente mais preferida do que a categoria de empréstimo da LO.

Tabela 8 – Teste T para Amostras Emparelhadas: Diferenças entre a escolha, como primeira preferência, entre a Categoria Iónica e a Categoria de Gestos Arbitrários.

Teste T para Amostras Emparelhadas	Iónico (n=41)		Arbitrário (n=41)		t (41)
	Média	D.P.	Média	D.P.	
Matemática	7.85	1.957	.54	.809	19.335***
Português	8.34	1.315	.48	.898	24.751***

*** p = .001

Existem diferenças significativas ($t=19,35$; $p=.001$), na disciplina de matemática, entre a média de escolha da categoria icónica ($M=7.85$; $D.P.=1.96$) e da categoria de gestos arbitrários ($M=0.54$; $D.P.=0.81$). A categoria icónica é mais escolhida, como primeira preferência, do que a categoria de gestos arbitrários.

Quanto à área do português verifica-se uma diferença significativa ($t = 24.751$; $p<.001$) na perceção da adequação, pelos participantes, da categoria icónica ($M=7.85$; $D.P. = 1.96$) e da categoria de gestos arbitrários ($M = 0.54$; $D.P. = 0.81$). A categoria icónica é percecionada como mais adequada do que a categoria de gestos arbitrários.

Tabela 9 – Teste T para Amostras Emparelhadas: Diferenças entre a escolha, como primeira preferência, entre a Categoria de Empréstimo da LO e a Categoria de gestos arbitrários.

Teste T para Amostras Emparelhadas	Empréstimo LO (n=41)		Arbitrário (n=41)		t (41)
	Média	D.P.	Média	D.P.	
Matemática	1.39	1.321	.54	.809	3.792***
Português	1.17	.972	.48	.898	3.285**

*** p = .001, ** p = .002

Na matemática observam-se diferenças significativas ($t=3.79$; $p=.001$) entre a média de escolha da categoria de empréstimo da LO ($M=1.39$; $SD=1.32$) e a categoria de gestos arbitrários ($M=0.54$; $D.P.=0.81$). A categoria de empréstimo da LO é mais preferida do que a categoria de gestos arbitrários.

No domínio do português, também se verificam diferenças estatisticamente significativas ($t = 3.285$; $p=.002$) entre a média de escolha da categoria de empréstimo da LO ($M=1.39$; $D.P.= 1.32$) e a categoria de gestos arbitrários. Os participantes optam mais pela categoria de gesto da LO e menos pela categoria de gestos arbitrários

Resultados por disciplina e grupos de participantes

Na área da matemática 79,09% das preferências dos alunos recaiu na categoria icónica, 15,76% na categoria de empréstimo da língua oral e 5,15% e na categoria de gestos arbitrários. Para a mesma área os especialistas da língua optaram 87,5% das vezes pela categoria icónica, 6,25% pela de empréstimo da língua oral e 6,25% pela categoria de gestos arbitrários.

Na área disciplinar de português, na categoria icónica encontramos uma percentagem de 82,73% na sua escolha por parte dos alunos e de 88,75% por parte dos especialistas. A categoria de empréstimo da língua oral acolheu uma percentagem de 12,42% da escolha dos alunos e de 6,25% dos especialistas. Para a categoria de gestos arbitrários a percentagem foi de 4,85% nos alunos e de 5% nos especialistas.

Deste modo verificamos que os participantes, alunos e especialistas, percebem a categoria icónica como a mais adequada, sendo assim manifestamente mais preferida, para transmitir conceitos que ainda não dispõem de correspondente direto em LGP, nos dois domínios disciplinares. Assumindo que, nos dois domínios disciplinares, as categorias de gestos arbitrários e por empréstimo da língua oral são manifestamente menos preferidas parece-nos pertinente referir que o são de forma diversa; ou seja, em qualquer das disciplinas a categoria de gestos por empréstimo da língua oral são menos rejeitados que os gestos arbitrários por parte dos alunos, mas identicamente rejeitados pelos especialistas.

Tabela 10 - Frequência das categorias gestuais por grupos e disciplinas

Disciplinas	Grupos	Arbitrário	Empréstimo LO	Icónico
Matemática	Alunos	17	52	261
	Especialistas	5	5	70
Português	Alunos	16	41	273
	Especialistas	4	5	71
Totais		42	103	675

LO = língua oral

Para perceber aquelas diferenças fomos verificar, pelo teste de Mann-Witney²², se eram significativas. Observamos que há diferenças significativas entre o grupo de alunos e o grupo de especialistas quanto à escolha da categoria de gestos formados por empréstimo da LO na área disciplinar da matemática, $Z = - 1.940$, $p = .051$. Na

²² Teste de diferenças utilizado na comparação de duas amostras independentes.

Terminologia específica em Língua Gestual Portuguesa: percepção da adequação em categorias gestuais.

matemática, o grupo de alunos opta por esta categoria mais vezes que o grupo dos especialistas.

Tabela 11 – Teste de Mann-Witney: Diferenças na categoria gestual por grupos e por disciplina.

Teste de Mann - Witney		Alunos (n=33)		Especialistas (n=8)		Z
		Média	D.P.	Média	D. P.	
Matemática	Arbitrário					
	Preferência 1	.52	.834	.63	.744	-.604
	Empréstimo LO	1.58	1.324	.63	1.061	-1.940***
	Preferência 1					
Português	Icónico	7.91	1.684	7.63	2.973	-.284
	Preferência 1					
	Arbitrário	.48	.939	.50	.756	-.214
	Preferência 1					
Português	Empréstimo LO	1.24	1.001	.88	.835	-.867
	Preferência 1					
	Icónico	8.27	1.281	8.63	1.506	-.778
	Preferência 1					

*** $p = .051$

Resultados dos alunos em função das variáveis sociodemográficas e das disciplinas

Na realização deste estudo tivemos em consideração algumas variáveis sociodemográficas como: região do país, idade de aquisição da LGP, o grau de surdez, a idade atual dos participantes e o ano de escolaridade. Fomos analisar se cada uma delas estava relacionada com os resultados quanto à categoria gestual escolhida pelos alunos.

Quanto à região do país (norte ou sul) as frequências dos alunos distribuíram-se da seguinte forma: os alunos do norte na área da matemática optam, como primeira preferência, pela categoria icónica 83,18% das vezes, pela categoria de empréstimo da LO 11,82% e pela categoria arbitrária 5%. Já os alunos do sul percebem 70,91% das vezes a categoria icónica como a mais adequada, 23,64% a categoria de empréstimo da LO e 5,45% a categoria arbitrária. No português verificamos que o gesto icónico é escolhido pelos alunos do norte 80,91% das vezes enquanto os alunos do sul o fazem 86,36%. O gesto por empréstimo da LO atinge uma percentagem de 14,09% no norte e de 9,09% no sul, enquanto o gesto arbitrário recolhe 5,00% das preferências a norte e 4,55% a sul. Observemos a tabela de frequências a seguir representada.

Tabela 12 – Frequência das categorias gestuais por região do país e por disciplina.

Disciplinas	Região	Arbitrário	Empréstimo LO	Icónico
Matemática	Norte	11	26	220
	Sul	6	26	78
Português	Norte	11	31	178
	Sul	5	10	95
Totais		33	93	571

Ao analisarmos estes dados através da estatística inferencial observamos duas diferenças significativas na área da matemática: (i) a escolha do gesto icónico apresenta uma diferença estatisticamente significativa ($Z = -1.961$, $p = .051$) entre os alunos no que se refere à sua região de pertença, sendo que os alunos do norte o escolhem mais que os alunos do sul; (ii) na escolha do gesto por empréstimo da LO ($Z = -2.402$, $p = .013$), verifica-se que os alunos do sul o escolhem mais que os alunos do norte e esta diferença é estatisticamente significativa. Vejamos a tabela seguinte.

Tabela 13 – Teste de Mann-Whitney: Diferenças nas categorias gestuais por região dos alunos

Teste de Mann - Witney		Norte (n=22)		Sul (n=11)		Z
		Média	D.P.	Média	D. P.	
Matemática	Arbitrário					
	Preferência 1	.50	.913	.55	.688	-.532
	Empréstimo LO					
	Preferência 1	1.18	1.181	2.36	1.286	-2.402**
	Icónico					
	Preferência 1	8.32	1.615	7.09	1.578	-1.961***
Português	Arbitrário					
	Preferência 1	.50	1.102	.45	.522	-.636
	Empréstimo LO					
	Preferência 1	1.41	1.054	.91	.831	-1.227
	Icónico					
	Preferência 1	8.09	1.120	8.64	1.120	-1.062

** $p = .013$; *** $p = .051$

No que diz respeito à idade de aquisição da LGP dos alunos, a estatística descritiva aponta para uma preferência da categoria icónica em todos os grupos (pré-escolar, primeiro ciclo, segundo e terceiro ciclos e secundário). A escolha da categoria icónica varia entre os 70% e os 85% na matemática e entre os 80% e os 84,62% no Português.

Terminologia específica em Língua Gestual Portuguesa: perceção da adequação em categorias gestuais.

Ao nível da estatística inferencial utilizou-se o teste de Kruskal-Wallis²³, em cujos resultados não se observou diferenças significativas.

Tabela 14 – Teste de Kruskal-Wallis: Diferenças na categoria gestual, em função da idade de aquisição da LGP dos alunos

Teste de Kruskal-Wallis	Pré-escolar (n=13)		1ºciclo (n=15)		2º/3ºciclos (n=4)		Secundário (n=1)		χ^2	
	Média	D.P.	Média	D. P.	Média	DP	Média	DP		
Matemática	Arbitrário									
	Preferência 1	.69	1.109	.33	.617	.50	.577	1.00	-	2.145
	Empréstimo LO									
	Preferência 1	1.85	1.144	1.47	1.598	1.00	.816	2.00	-	2.099
Matemática	Ícónico									
	Preferência 1	7.46	1.613	8.20	1.859	8.50	1.291	7.00	-	2.145
Português	Arbitrário									
	Preferência 1	.38	.506	.67	1.291	.24	.500	.00	-	.938
	Empréstimo LO									
	Preferência 1	1.15	.987	1.20	1.014	1.50	1.291	2.00	-	1.217
Português	Ícónico									
	Preferência 1	8.46	1.127	8.13	1.457	8.25	1.500	8.00	-	.474

Quanto ao grau de surdez os dados revelam que, no domínio da matemática, a categoria icónica obtém 80% das escolhas dos alunos com surdez profunda, a categoria de empréstimo da LO 15,65% e a categoria de gestos arbitrários 4,35%. Enquanto a preferência 1 dos alunos com surdez severa se distribui da seguinte forma: categoria icónica 77%, a categoria de empréstimo da LO 16% e a categoria de gestos arbitrários 7%. Na área disciplinar do português a categoria icónica é escolhida (como primeira preferência) 83,91% das vezes pelos alunos com surdez profunda e 80% pelos alunos surdos severos. A categoria de empréstimo da LO atinge 10,87% das preferências dos alunos surdos profundos e 15% dos alunos com surdez severa. A percentagem da preferência da categoria de gestos arbitrários é de 5,22% nos alunos com surdez profunda e de 5% nos alunos com surdez severa.

À luz da estatística inferencial estes dados não apresentam qualquer diferença estatisticamente significativa. Depreendemos, deste modo, que a perceção dos usuários da LGP quanto à adequação das categorias gestuais na transmissão de termos, para os quais ainda não existe correspondente direto em LGP, não está dependente do grau de surdez.

²³ Teste de diferenças utilizado na comparação de três ou mais amostras independentes.

Tabela 15 – Teste de Mann-Witney: Diferenças na categoria gestual, em função do grau de surdez dos alunos

Teste de Mann - Witney		Profundo (n=23)		Severo (n=10)		Z
		Média	D.P.	Média	D. P.	
Matemática	Arbitrário	.43	.896	.70	.675	-1.547
	Preferência 1					
	Empréstimo LO	1.57	1.409	1.60	1.174	-.202
	Preferência 1					
	Icónico	8.00	1.732	7.70	1.636	-.478
	Preferência 1					
Português	Arbitrário	.48	1.082	.50	.527	-.933
	Preferência 1					
	Empréstimo LO	1.13	1.014	1.50	.972	-1.176
	Preferência 1					
	Icónico	8.00	1.247	8.64	1.120	-1.049
	Preferência 1					

Observemos a variável que diz respeito à idade atual do grupo de alunos. Todos os alunos foram inseridos em dois grupos os que têm idade até aos dezoito anos e os que têm idade igual ou superior a dezanove anos. Deste modo, o grupo etário até aos dezoito anos, na área da matemática, optou pela categoria icónica, como primeira preferência, 75,33% das vezes, pela categoria de empréstimo da LO 16,77% e pela categoria de gestos arbitrários 8%. Já na área do português as suas preferências distribuíram-se da seguinte forma: 76,77% categoria icónica; 16% categoria de empréstimo da LO e 7,33% categoria de gestos arbitrários. Quanto à categoria icónica a percentagem de escolha, dos alunos com idade igual ou superior a dezanove anos, foi de 82,2%, na área da matemática e de 87,78% na área do português. A categoria de empréstimo da LO obteve 15% das preferências, na matemática e 9,44% no português. A categoria de gestos arbitrários apresentou uma percentagem de 2,78% nas duas disciplinas.

Ao analisarmos estes dados através da estatística inferencial percebemos que há uma diferença estatisticamente significativa, entre os dois grupos, na escolha do gesto icónico no domínio do português. Os alunos mais velhos escolhem este gesto significativamente mais do que os alunos mais novos ($Z = - 2.438, p = .014$).

Tabela 16 – Teste de Mann-Witney: Diferenças na categoria gestual, em função da idade dos alunos

Teste de Mann - Witney		Idade até aos 18 anos (n=15)		Idade igual ou superior a 19 anos (n=18)		Z
		Média	D.P.	Média	D. P.	
Matemática	Arbitrário	.80	1.082	.28	.675	-1.659
	Preferência 1					
	Empréstimo LO	1.67	.976	1.50	1.174	-.746
	Preferência 1					
	Icónico	7.53	1.506	8.22	1.636	-1.250
	Preferência 1					
Português	Arbitrário	.73	1.280	.28	.461	-1.205
	Preferência 1					
	Empréstimo LO	1.60	1.056	.94	.873	-1.810
	Preferência 1					
	Icónico	7.67	1.291	8.78	1.060	-2.438***
	Preferência 1					

*** $p = .014$

Em último lugar iremos apresentar os resultados relacionados com o ano de escolaridade que os participantes (n=33) frequentam. Relativamente aos alunos do 10º ano (n=18) as suas escolhas distribuem-se da seguinte forma. Na matemática: 76,67% escolhe a categoria icónica, 16,11% a categoria de empréstimo da LO e 7,22% a categoria de gestos arbitrários. No português 77,78% opta pela categoria icónica, 16,11% pela categoria de empréstimo da LO e 6,11% pela categoria de gestos arbitrários. Os alunos do 11º ano (n=5) percebem a categoria icónica como a mais adequada 82% das vezes na matemática e 88% no português. A percentagem da escolha da categoria de empréstimo da LO é de 16% na matemática e de 4% no português. A categoria de gestos arbitrários atinge uma preferência de 2% na matemática e de 8% no português. Enquanto os alunos do 12º ano apresentam uma preferência 82% e 79% pela categoria icónica na matemática e no português respetivamente. A categoria de empréstimo da LO obtém 16% das preferências na matemática e 9% no português. Por último os alunos do 12º ano assumem como primeira preferência a categoria de gestos arbitrários 7,22% das vezes na matemática e 12% no português.

Através da análise inferencial destes resultados verificamos que existem duas diferenças com significância estatística: (i) o grupo dos alunos do 11º ano escolhe mais a categoria icónica no português do que os outros grupos ($\chi^2(2) = 7.477, p = .019$); (ii) o grupo dos alunos do 10º ano escolhe mais a categoria de empréstimo da língua oral do que os dois grupos restantes ($\chi^2(2) = 6.537, p = .033$), também na área do português.

Tabela 17 – Teste de Kruskal-Wallis: Diferenças na categoria gestual, em função do ano de escolaridade dos alunos

		10º ano (n=18)		11º ano (n=5)		12º ano (n=10)		χ^2
		Média	D.P.	Média	D. P.	Média	DP	
Matemática	Arbitrário	.72	1.018	.20	.447	.30	.483	2.339
	Preferência 1							
	Empréstimo LO	1.61	1.195	1.60	1.517	1.50	1.581	.175
	Preferência 1							
	Icónico	7.67	1.572	8.20	1.924	8.20	1.874	.986
	Preferência 1							
Português	Arbitrário	.61	1.195	.20	.447	.40	.516	.702
	Preferência 1							
	Empréstimo LO	1.61	1.037	.40	.548	1.00	.816	6.537**
	Preferência 1							
	Icónico	7.78	.548	9.40	.548	8.60	1.174	7.477***
	Preferência 1							

** $p = .033$, *** $p = .019$

Discussão dos resultados e Implicações Conclusivas

O objetivo do nosso estudo foi compreender a perceção, dos usuários alunos e especialistas da língua, da adequação das categorias de gestos na criação de códigos linguísticos.

Antes de iniciarmos a discussão de dados propriamente dita é pertinente referir que apenas foram trabalhados os dados relativos à primeira preferência de todos os participantes (n=41). Este facto deveu-se à clara valorização de uma categoria gestual, a icónica, face às restantes – arbitrária e empréstimo da língua oral.

Os resultados gerais das duas áreas disciplinares demonstram que independentemente da área – matemática ou português – os participantes (n=41) percecionam como mais adequada a categoria icónica. Consequentemente, verificou-se que as categorias arbitrárias e empréstimo da LO são mais rejeitadas. Ao nível das escolhas de todos os participantes (n=41) os gestos arbitrários são mais rejeitados que os gestos de empréstimo da LO. É então necessário observar dentro do grupo de participantes para aferir quem mais influencia os dados apresentados. Os especialistas da língua (n=8) rejeitam de forma idêntica as duas categorias, já os alunos (n=33) rejeitam mais acentuadamente a categoria arbitrária em prol da categoria de empréstimo da LO. Podemos então perceber que é o grupo de alunos que mais influencia as diferenças entre as médias gerais de cada disciplina.

Centremo-nos no grupo de alunos e nas diferentes características sociodemográficas que apresenta. Um dado interessante surge na análise feita em função da região do país na disciplina de matemática. Os alunos do sul (n=11) escolhem mais vezes a categoria de empréstimo da LO e menos vezes a categoria de gestos icónica, quando comparados com os alunos do norte (n=22). Este facto pode dever-se à especificidade da disciplina, uma vez que se verificou apenas na matemática. Mas é também possível que os alunos estejam, à partida, condicionados pela categoria gestual mais frequentemente usada pelo intérprete e/ou formador de LGP que os acompanha. Duarte (2009) aponta para o facto de os intérpretes utilizarem preferencialmente gestos datilológicos quando não se verifica a existência de correspondente gestual na LGP. Seria necessário fazer um estudo que levasse em conta os tipos de códigos gestuais utilizados nas aulas da disciplina em questão.

A idade de aquisição da LGP, bem como, o grau de surdez não são, ao contrário do espectável, variáveis com diferenças estatisticamente significativas dentro do grupo de participantes. Já o grupo etário parece condicionar o sentido de resposta dos participantes, sendo que os alunos mais velhos escolhem o gesto icónico, no domínio do português, significativamente mais do que os alunos mais novos. Mais uma vez seria de grande interesse centrando-nos nesta diferença fazer um estudo mais detalhado desta variável com uma amostra mais representativa, orientado em função da disciplina de português e controlando outras variáveis que possam ter influenciado as respostas dos participantes. Outro dado interessante são as diferenças que verificamos nos diferentes anos de escolaridade. Na disciplina de português²⁴ os alunos do 11º ano escolhem mais a categoria icónica que os restantes grupos. Enquanto os alunos do 10º ano optam pela categoria de empréstimo da LO significativamente mais que qualquer outro grupo.

Este estudo demonstra que os usuários da LGP do nosso grupo de participantes percebem a categoria icónica como a mais adequada na transmissão de conceitos para os quais ainda não existe correspondente gestual. Os resultados obtidos convergem, deste modo, com vários estudos (Aranoff *et al.*, 2005; Bosworth & Emmorey, 2010; Thompson *et al.*, 2009 & 2010) que salientam a importância do recurso à iconicidade nas LG. Possivelmente porque, tal como salientado por Hermans, *et al.* (2009), será de esperar que um gesto com forte componente icónica seja processado mais facilmente do que aqueles com um menor ou nenhum grau de iconicidade. Parece então que nos afastamos da aceção de Amaral *et al.* (1994) da LGP enquanto uma língua maioritariamente arbitrária. Mas é necessário compreendermos que este estudo visa apenas conceitos que não dispõem de correspondente direto na LGP. Consequentemente, não dispõem de uso pragmático no seio da comunidade surda que tornará possível o seu desenvolvimento e posterior disseminação e aceitação. Observando estes factos, poderíamos argumentar que novos itens lexicais da LGP tendem a ser mais icónicos, podendo, posteriormente, evoluir para gestos arbitrários.

Marinho (2007) salienta as dificuldades sentidas pelos profissionais da interpretação, mesmo quando dotados de larga experiência, quando confrontados com

²⁴ Mais uma vez as diferenças se centram na área do português, indiciando talvez que o carácter desta disciplina possa influir nos resultados apresentados. Deste modo, torna-se importante estudar isoladamente a disciplina em questão identificando outras variáveis que possam afetar as preferências dos participantes.

Terminologia específica em Língua Gestual Portuguesa: perceção da adequação em categorias gestuais.

termos inexistentes na LG. Referindo ainda que estes recorrem a diferentes técnicas para suprir o efeito negativo que este facto produz na comunicação de conceitos específicos.

Atendendo ao anteriormente referido, é importante refletir na aproximação das práticas de tradução à perceção da adequação das diferentes categorias gestuais por parte dos usuários da língua, quando nos deparamos com falta de terminologia na LGP.

Concluimos, depois de analisados e explanados todos os dados, que o recurso à iconicidade, na criação de códigos gestuais, é de extrema importância.

Referências Bibliográficas

- Afonso, C. (2007). Reflexões sobre a surdez: A problemática específica da surdez. Vila Nova de Gaia. Gailivro.
- Amaral, M. A.; Coutinho, A.; Martins, M.R.D. (1994). *Para Uma Gramática da Língua Gestual Portuguesa*. Lisboa. Caminho.
- Aranoff, M., Meir, I., Padden, C., Sandler, W. (2008). *The Roots of Linguistic Organization in a New Language*. Interaction Studies, 9. pp.133-153.
- Aronoff, M., Meir, I., Sandler, W. (2005). *The Paradox of Sign Language Morphology*. *Language*. 81:2, pp. 301-344.
- Battison, R. (1974). *Phonological deletion in american sign language*. Sign Language Studies. v.5. p.19.
- Bispo, M., Couto, A., Clara, M., Clara, L.(coordenação) (2006). *O Gesto e a Palavra I – Antologia de textos sobre a surdez*. Editorial Caminho. Lisboa
- Bosworth, R., Emmorey, K. (2010). *Effects of Iconicity and Semantic Relatedness on Lexical Access in American Sign Language*. Journal of Experimental Psychology:, Vol. 36, No. 6, 1573–1581
- Carvalho, P. (2007). *Breve História dos Surdos – no Mundo e em Portugal*. Lisboa. SurdUniverso.
- Correia, I. (2009). *O Parâmetro da Expressão na Língua Gestual Portuguesa: unidade suprasegmental*. Exedra. pp. 57 – 68.
- Correia, I. (2011). *Uma Língua que se Sente*. Surdos Notícias, nº 8. p. 19
- Correia, M.; Nascimento, S. (2011). *Um Olhar sobre a Morfologia dos Gestos*. Lisboa. Universidade Católica Editora.
- Duarte, L. (2009). *Processos de Formação de Gestos Terminológicos em LGP, no Domínio das Ciências Naturais*. Tese de Mestrado. Lisboa. Instituto Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa.
- Duarte, L., Mineiro, A. (2007). *Terminologia em Língua Gestual Portuguesa: uma necessidade para a tradução? Alguns Processos de Formação de Gestos em Ciências Naturais*. Comemorações dos 75 anos do CLUL – Sessão de Estudantes.

Terminologia específica em Língua Gestual Portuguesa: perceção da adequação em categorias gestuais.

- Faria, I., Henriques, L., Martins, M. e Monteiro, M. (2001). *Predicados de Movimento em Língua Gestual Portuguesa*. Polifonia. Lisboa. Edições Colibri. pp. 87-89.
- Faria, S. P. (2003). *A Metáfora na LSB e a Construção dos Sentidos no Desenvolvimento da Competência Comunicativa de Alunos Surdos*. Brasília. Universidade de Brasília.
- Ferreira, A. (2006). *Subsídios para o Estudo da História da Educação de Surdos em Portugal*. O Gesto e a Palavra 2. Lisboa. Editorial Caminho. pp. 57- 81.
- Ferreira, A. (2008). *Gestuário da Língua Gestual Portuguesa*. Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração da Pessoa com Deficiência.
- Gokhale, S., Lederberg, A., Tolar, T. e Tomasello, M. (2007). *The Development of the Ability to Recognize the Meaning of Iconic Signs*. Oxford University Press.
- Hermans, D., Knoors, H., Ornell, E., Verhoeven, L. (2009). *The Role of Sign Phonology and Iconicity During Sign Processing: The Case of Deaf Children*. Oxford University Press.
- Marinho, M. (2007). *O Ensino da Biologia: o Intérprete e a Geração de Sinais*. Brasília. Universidade de Brasília.
- Martins, C. (2011). *Manual de Análise de Dados Quantitativos com Recurso ao IBM SPSS: Saber, decidir, fazer, interpretar e redigir*. Psiquilibrios Edições.
- Nascimento, S. P. (2009.) *Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira – Uma proposta Lexicográfica*. Brasília. Universidade de Brasília.
- Nydia Mara Pinheiro Lorenzini. (2004). *Aquisição de um Conceito Científico por Alunos Surdos de Classes Regulares do Ensino Fundamental*. Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Quadros, R. (2011). *Sintaxe das Línguas Gestuais*. Lisboa. Universidade Católica Editora.
- Quadros, R., Karnopp, L. (2004). *Língua de sinais brasileira – Estudos linguísticos*. Brasil. Artmed Editora S.A.
- Stokoe, W. (Ed.) (1960). *Sign Language Structure*. Ed. Linstok Press. Maryland.
- Thompson, R., Vigliocco, G., Vinson, D. (2009). *The link between form and meaning in American Sign Language: lexical processing effects*. London. Journal of

Experimental Psychology: Learning, Memory and cognition. Vol.35, pp.550-557.

Thompson, R., Vigliocco, G., Vinson, D. (2010). *The link between form and meaning in British Sign Language: Effects of iconicity for Phonological Decisions*. London. Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory and cognition. Vol.36, pp.1017-1027.

Webliografia

Roald, I. (2000). *Terminology in the Making: Physics terminology in Norwegian Sign Language*. <http://www.signwriting.org/archive/docs1/sw0058-NO-Norway-Physics.pdf> (consulta em 23 de Fevereiro de 2012).

www.spreadthesign.com (consulta em 2 de Julho de 2012).

Anexos

Anexo I

Resumo em LGP.

Anexo II

Grelha de registo – painel de alunos

Identificação

Idade – _____

Ano de escolaridade que frequenta – _____

Nota de Língua Gestual Portuguesa (LGP) no primeiro período (no caso de ainda não ter a nota do primeiro período indicar a nota do último período do ano letivo anterior) –

Com que idade começou a aprender LGP? – _____

Zona do país onde reside – Norte Sul

Registe as suas respostas na tabela apresentada, relativamente aos gestos propostos para os diferentes conceitos/ palavras que lhe foram apresentados. Siga a indicação seguinte:

Dê-nos a sua opinião, tendo em conta a forma como **cada gesto** (gesto **A**, **B** ou **C**) **traduz o conceito** indicado. Para tal **ordene de 1 a 3** os gestos apresentados (sendo 1 a sua primeira escolha e 3 a sua última escolha).

Volte a página para iniciar.

Grelha de registo – painel de peritos

Identificação e dados biográficos

Data de nascimento – _____

Quando começou a aprender LGP? – _____

Preencha o questionário enquanto Intérprete LGP Formador de LGP

Já lecionou LGP ou alguma unidade curricular relacionada com a LGP no Ensino Superior _____ Qual? _____

Qual a sua Língua Materna? – _____

Zona do país onde reside – Norte Sul

Registe as suas respostas na tabela apresentada, relativamente aos gestos propostos para os diferentes conceitos/palavras que lhe foram apresentados. Siga a indicação seguinte:

Dê-nos a sua opinião, tendo em conta a forma como **cada gesto** (gesto **A**, **B** ou **C**) **traduz o conceito** indicado. Para tal **ordene de 1 a 3** os gestos apresentados (sendo 1 a sua primeira escolha e 3 a sua última escolha).

Volte a página para iniciar.

Biologia

Conceito	Gesto A	Gesto B	Gesto C
ANAFASE			
CENTRÓMERO			
CROMATÍDEO			
MEIOSE			
METAFASE			
MITOSE			
REPLICAÇÃO DO DNA			
RNA			
TELOFASE			
TRADUÇÃO DO RNA			

Ciências

Conceito	Gesto A	Gesto B	Gesto C
ARTÉRIA			
CAPILARES			
CIRCULAÇÃO PULMONAR			
CIRCULAÇÃO SISTÊMICA			
DIAPEDESE			
DIÁSTOLE			
FAGOCITOSE			
LINFA INTERSTICIAL			
SÍSTOLE			
VÁLVULAS SANGUÍNEAS			

Geometria

Conceito	Gesto A	Gesto B	Gesto C
PLANOS CONCORRENTES			
PROJEÇÃO			
QUADRANTES			
RADIANO			
RETAS COINCIDENTES			
RETAS CONCORRENTES			
RETAS PARALELAS			
ROTAÇÃO			
SENO			
VOLUME			

Matemática

Conceito	Gesto A	Gesto B	Gesto C
DIAGRAMA EM ÁRVORE			
FRAÇÃO			
FUNÇÃO			
MÉDIA			
MEDIANA			
MODA			
POTÊNCIAS			
PROPORCIONALIDADE DIRETA			
PROPRIEDADE COMUTATIVA			
PROPRIEDADE DISTRIBUTIVA			

Saúde

Conceito	Gesto A	Gesto B	Gesto C
BRONCOSCOPIA			
CAPILAROSCOPIA			
COLONOSCOPIA			
DENSITOMETRIA ÓSSEA			
ECOCARDIOGRAFIA			
ELETROCARDIOGRAMA			
ELETROENCEFALOGRAMA			
ENDOSCOPIA			
EXAME ALERGOLÓGICO			
RESSONÂNCIA MAGNÉTICA			

Português

Conceito	Gesto A	Gesto B	Gesto C
CABEÇALHO			
DISCURSO DIRETO			
ENUMERAÇÃO			
ESTROFE			
INDICAÇÕES CÉNICAS			
INTERJEIÇÃO			
RIMA			
RODAPÉ			
SÍLABA			
VERSO			

Direito

Conceito	Gesto A	Gesto B	Gesto C
COIMA			
CONTRA ORDENAÇÃO			
DIREITO CIVIL			
DIREITO PENAL			
MEDIDA DE COAÇÃO			
OFENDIDO			
PENA			
RÉU			
SENTENÇA			
SUSPEITO			

Arquitetura

Conceito	Gesto A	Gesto B	Gesto C
ÁGUAS FURTADAS			
CLARABÓIA			
ESQUADRIA			
ESTACA			
FACHADA			
FRESCOS			
IMPERMEABILIZAÇÃO			
MAQUETA			
PLANTA			
PLANTA TOPOGRÁFICA			

Obrigado pela sua participação.

Anexo III

Vídeo apresentado a todos os participantes.

Anexo IV

CONSENTIMENTO INFORMADO

Projeto de Mestrado em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa

Autoras:

Joana Isabel da Silva Moreira
Joana Sofia de Sousa e Silva
Cristina Paula Almeida de Sousa Fernandes
Ângela Leitão Ricardo

No âmbito do curso de Mestrado em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa, pretende-se realizar um projeto para saber da perceção da adequação, relativamente à tradução de vários conceitos, utilizando três categorias de gestos, de um grupo de gestuantes e/ou especialistas na área da Língua Gestual Portuguesa.

Este estudo será apresentado sob a forma de registo visual, em vídeo, onde os participantes, após visualizarem o conteúdo dos mesmos, preencherão uma grelha relativamente às suas opções.

Os resultados desta investigação serão apresentados na Escola Superior de Educação do Porto, podendo ser consultados por todos os participantes.

A participação neste estudo é totalmente voluntária e anónima.

Após ter lido as informações acima referidas, declaro que aceito participar neste estudo.

Assinatura: _____ Data: _____